

NÊSTE NÚMERO:



Na Universidade de Columbia, os estudantes editam um diário — «Espectador» — que tira cerca de 2.500 exemplares.

(Ver páginas centrais)



Carmen Navascués, uma artista espanhola que está em Portugal e foi a última confidente de Afonso XIII.

(Ver página 8)



O «trio» Lamiti — três raparigas e um cavaquinho — está a fazer furor com os seus progressos e a levantar concorrência...

(Ver página 11)

O sábio Professor Egas Moniz deixou a sua vida de catedrático e o sr. reitor da Universidade do Porto, Dr. Adriano Rodrigues, leva-lhe o seu abraço de alto apreço

(Foto Cactano)

**VIDA  
MUNDIAL**

ANO IV—N.º 186

7 DE DEZEMBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

# ILUSTRADA

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Open  
-O. Nov. 1993



## SINAL DOS TEMPOS

**N**ÃO há tendências políticas nem razões sociais a sobrepor ao facto. Ele existe, com toda a soberana evidência do egoísmo que o envolve ou da inconsciência que o dita. Mas, de qualquer modo, postas de parte razões e considerandos, custa a crer que o homem — e mais ainda do que o homem a mulher — longe das realidades de todos os dias, neutralize os sentimentos que deve à solidariedade e até aos seus credos de consciente cristão esquecido de que, ao lado do cãozinho comodamente aninhado no seu colo, há crianças que devem ao rifão do «dó Deus o frio conforme as roupas», o melhor do seu agasalho e do sustento. Em boa verdade, o amor aos lulus é tão sincero como o desamor aos que a sorte não fez cachorrinhos de luxo. Porque, bem andaria a natureza se obrasse muitas vezes o milagre de retrair a condição humana, a quem dela se não serve a não ser para o martírio de viver à margem da fartura e do conforto.

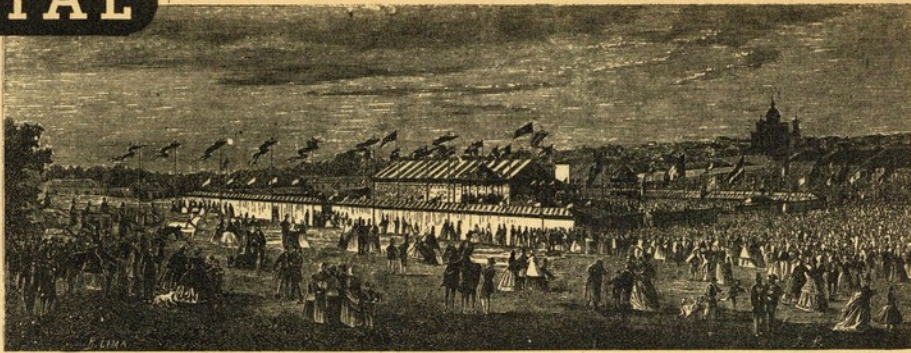
Todos os dias — e, aqui todos o sabem, não há imagem literária — passeiam pelos bairros aristocráticos, semi-aristocráticos, burgueses e — oh! céus! — até pelos populares, cães-zinhos bem vestidos de veludo, presos pela coleira para serem o dano de umas tantas horas em casas de luxo. Entretanto, a garotada de pé descalço multiplica-se, semi-nua, de cara de ver água quando Deus a manda lá do céu, sem outras noções da vida que não sejam as ditadas pelo instinto.

Sem dúvida, seria lógico perguntar porque não se dedicam os donos dos cães a crianças desprotegidas, visto que têm necessidade de criar um objecto de ternura — deixando de dar o espectáculo do seu afecto mórbido por um animal simpático e amorável, sem dúvida, mas que deve ocupar no meio em que vive o seu honroso lugar de cão...

O tempo vai de feição a egoísmos, a desamor contra tudo que constituiu a mais bela razão de ser humano, nas suas fórmulas clássicas de espiritualismo, gentileza e apuro moral. A enormidade de expressão que certos pequenos nadas atingem para escândalo dos que vêem, é, entretanto, um produto de negação humana, de menosprezo pelo supremo favor da natureza que nos fez homens e mulheres de um mundo superior. Dir-se-ia que a humanidade, arredada destas verdades, procura em certos descaminhos mórbidos ou nos sucedâneos afectivos um derivativo ridículo, um escape da sua natureza amorável.

É certo que a inconsciência é um mal tão colectivo universal como outras manifestações inferiores. Mas, por isso mesmo, todos aqueles que podem usar da justa medida dos seus valores morais, não deverão lavar o seu protesto.

MANUELA DE AZEVEDO



## QUANDO EM LISBOA SE FEZ A 1.ª EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA...

**A** Real Associação Central da Agricultura Portuguesa escolheu um local muito apropriado para a grande exposição agrícola que trazia Lisboa, alvo-roçada. Nos vastos terrenos que hoje servem de campo de obstáculos dos regimentos de cavalaria — Cavalaria n.º 7 e Lanceiros n.º 2 — armaram-se inúmeras barracas. Chama-se a esse sítio Terras do Desembargador — e fica perto da Praça de D. Fernando, hoje Afonso de Albuquerque.

«No meio daquele espaçoso terreno ocupava a exposição um quadrilátero de 150 metros de comprimento e 80 de largura. Estavam os lados mais compridos ocupados com barracas, trinta de cada lado, para abrigo de animais. A frente estava separada do restante campo por graderia, com duas amplas portas. Fechava o recinto pelo lado oposto à frente uma fila de barracas para plantas. Para a comissão encarregada de dirigir os trabalhos e para o júri que deveria estudar os produtos e propor os prémios, erguiam-se à frente e aos lados do campo duas barracas de campanha de general, muito decentemente mobiliadas. Mais adiante havia dois «elegantes coretos para a música». E um cronista da época prossegue assim, como se estivesse descrevendo a imponência dos certames de Nova-York.

«Ao centro da área, e entre os coretos, campeava amplo pavilhão de 20 metros de comprimento e 10 de largura para os produtos agrícolas a ele, estava a tribuna para as majestades, guarnecida de ricas colas. Na frente do pavilhão, e con-

vistas e cadeiras e alcatifada com magníficos tapetes.

Bandeiras, galhardetes, flutuando caprichosamente no topo de numerosos e altos mastros adornavam o recinto e delectavam a vista. A multidão dos espectadores, a variedade dos trajes, a multiplicitade e esplendor dos trens, a harmonia da música e a franca alegria que em todos os semblantes se divisava, tornavam sumamente agradável aquela festa. Lisboa acorreu, apressada, a ver a primeira exposição de lavoura. De mais, para dar maior brilho ao acto, lá estiveram as Majestades a inaugurar-la. As quatro horas da tarde, el-rei D. Luís, a rainha, D. Fernando e o infante D. Augusto, solenes, inauguraram a exposição agrícola.

A comissão veio receber à entrada o rei. A Comissão Central de Agricultura, com a Comissão de honra e o sr. Conde de Ficalho, director do Instituto Agrícola. Houve, como não podia deixar de ser, uma alocução a que o rei respondeu, breve, com palavras animadoras.

Mas deixemos falar o repórter:

«Passou depois el-rei e todas as pessoas reais que o acompanhavam a examinar os objectos expostos e a presenciar o exercício de algumas máquinas. Durou esta visita bastante, porque Suas Majestades se detinham em minucioso exame de produtos agrícolas, dos animais e máquinas, e praticam com diversos à proporção que iam vendo objectos que mais particularmente lhes chamavam a atenção. Subiu depois el-rei e as outras pessoas reais à tribuna para assistirem à passagem dos ca-

valos e muare que estavam expostos. Durante esta amostra conversaram Suas Majestades el-rei D. Luís e el-rei D. Fernando com exemplar lhanza áocra dos animais que iam vendo, com os expositores, e principalmente com o habilíssimo professor do Instituto e notável especialista em zootécnica, Silvestre Bernardo Lima, homem dotado de rara modestia e claríssima inteligência, ao qual a agricultura portuguesa deve numerosos e impagáveis serviços.

Quasi noite saíram Suas Majestades do campo, deixando inaugurada a exposição.

O que mais interessava neste curioso certame eram os instrumentos e máquinas; depois o gado, que apareceu de boa qualidade, sobretudo o cavalar.

Muitos agricultores não quiseram concorrer. Andrade Corvo, no «Jornal do Comércio», lastima os que se desinteressaram por uma obra tão interessante, num artigo de fundo modelar.

De todo o reino, só sete distritos concorreram: Lisboa, Santarém, Évora, Beja, Portalegre, Braga e Bragança.

Houve 52 expositores de trigo; milho, 19; cevada, 24; centeio, 10; vinho, 46; feijão, 24; azeite, 33; vinagre, 12; grão de bico, 18; mel, 18; lã, 12; linho, 11; azeitonas, 1; máquinas, 5; gado, 40 a 50; frutas, 15; flores, 8 (quasi 500 exemplares e mais de 100 de estufa).

Aqui está resumida a história da 1.ª Exposição Agrícola, que teve uma despesa fabulosa: 10 contos de réis.

## QUINTA-FEIRA, 23, das 12 às 12,30, que foi fazer?...



A S. JULIÃO...



A RUA DO OURO?...



AO ROSSIO?...

«Vida Mundial Ilustrada», uma revista moderna que é feita exclusivamente no interesse dos seus leitores e com o desejo de lhes dar sempre alguma coisa de novo e de melhor, iniciou, a semana passada, um sistema simples de homenagear o público que a lê e que tanto carinho tem demonstrado por todas as suas iniciativas. Assim, todas as quintas-feiras, a uma hora variável e em lugares diferentes, os nossos fotógrafos dispõem a máquina e recolhem um grupo de passeantes ou daqueles que passam na rua, nos afazeres do dia-a-dia. Das pessoas recolhidas pela objectiva, uma, em cada foto, será assinalada ao acaso e terá direito de assistir ao melhor espectáculo de cinema da semana e com a pessoa que quiser. Para tanto, bastará o próprio apresentar-se na nossa Redacção na próxima segunda-feira, onde, perante a apresentação do número desta Revista onde o retrato foi publicado, lhe será passada uma credencial, perante a qual, na bilheteira do cinema indicado, lhe entregarão o respectivo ingresso. Quem serão, pois, os contemplados nas fotos que damos juntamente?

# O elogio do discurso...

DEPOIS do vinho e da rôlha, fontes inesgotáveis de riqueza nacional, a saliva faz parte do nosso alto património.

Palavroso cem por cento, a palavra serviu-lhe para tudo — desde o baptizado ao elogio fúnebre, desde o comício à exortação. Há pessoas que não sabem conversar: discursam. A pretexto de tudo fazem sermão. Seja no café, no eléctrico, esquina, paradas ou a andar, quando abrem a boca franzem o rosto, olham em redor e parece que vão dizer: «Meus senhores! Está aberta a sessão!». Este hábito generalizou-se. Conheço senhores graves que mesmo sentados à mesa, à hora do jantar, só sabem entreter a família dissertando. Pode acontecer a conversa — perdió, o discurso — não valer dez réis de mel coado, eles, porém, é que não perdem a oportunidade de erguer bem alto os dotes oratórios. Uma vez em casa dum destes cavalheiros, rapaz aliás sólidamente instruído — é construtor civil diplomado — depois dum jantar de anos, entre o pudim e o café, ouvi sete discursos, não contando com uma mensagem em verso lida, a gaguejar, por uma gentil menina que no fim fez beicinho e chorou. Comemoravam-se, creio, as bôças de prata do casamento deste respeitável cidadão. Pois, senhores, ouvi falar de Pasteur, Napoleão, Demostenes, Anacreonte e no Tyronne — alusão duma pequena ciné-fila, também oradora, que lamentava não se terem «filmados» as cenas daquele jantar.

O mais curioso, porém, foi quando vi emergir do escuro dos corredores, uma touca branca e um avental alvíssimo, uma careta afoguedada e sardenta com um riso no mole das bochechas que, avançando pelo meio da sala, veio pedir licença aos senhores para dizer, também, qualquer coisa.

Compreendi, então, que se tratava da cozinheira, uma boa moça de Celorico, analfabeta hereditária, que, incumbida pelo pessoal da cozinha, teria de discursar. Deram-lhe, claro, permissão, que a palavra é como a água: não se nega a ninguém. E aí começou a moça, ainda com as mãos a cheirar a salsa, a refoçar palavrinhas com manteiga, mais isto e mais aquilo, que os patrões eram uns santos, as meninas uns anjos, e tal e tal, que vi feitos do perê me voar do estômago, já indisposto com tantos sermões. Pois, ainda não estava refeito da estopada quando, do meu lado, um heróico primeiro sargento, que esteve na África para mal dos nossos pecados porque a todos conta as audaciosas surtidas

dos indígenas, levantou-se e, de copo na mão, disse logo: «Chegou a hora sacramental de eu falar, meus senhores!...».

Aquêle homem, que esteve em África, fala mais do Ultramar que a «Semana das Colónias». É um gramofone vivo. Tomando embalagem, ninguém o segura. Mais uma vez — creio que a trigésima nona — teria de ouvir falar dos mosquitos, das febres, das caçadas, dos tigres, dos ataques à baloneta, dos sobas, das cubatas e do quinino salvador dum febrão de quarenta graus. O seu vozêirão rolou, rolou, sumiu-se, perdeu-se. Adormeci com o cigarro entalado nos dedos. Quando acordei dizia ele, lastimoso, que no Tete não havia água e em Quelimane fazia um calor de rachar. Fazendo um esforço desesperado quis ainda sustentar os olhos num ponto fixo. Mas quê! Era impossível. Com os cotovelos fncados na mesa, as duas mãos sobre os olhos, dormi, dormi, num pesadelo. E se não fôsse o vizinho do lado ter-me dado um safanão, não sei mesmo onde chegaria a soneca... Lembro-me de que, quando abri os olhos, o bravo sargento, de guardanapo ao pescoço, o cabelo ourigado, berrava que «a África era nossa», «que o mató era deles» — e que ia terminar por dar vivas, bem grandes, bem altos, bem sentidos.

E aí se foi, na verdade. Deram-se vivas a tudo — África, batalhas, generais — e, como no fim se tinha esquecido de brindar pelos festejados, ainda arranjo mais três «ip, ip, urrah!» correspondidos com entusiasmo.

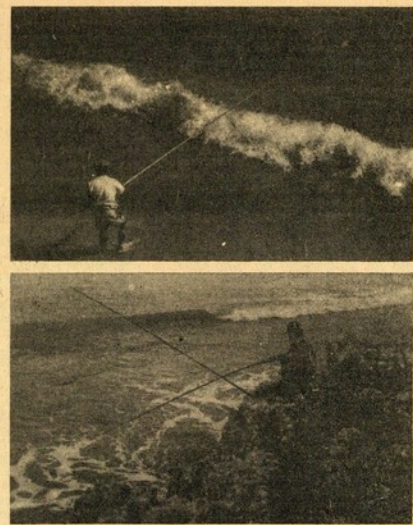
Só quando me encontrei na rua pude compreender quanto, na verdade, vale aquela frase que nos fala de «o silêncio de ouros»...

E pergunta ainda hoje como é possível que não tenha saído, na época das restrições que atravessamos, uma postura tabelando a saliva. O discurso devia ser abolido. O habilidoso aparato labial serve para se perder tempo. Estamos daqui a ver que bom não seria, em sessões solenes, comemorações e Jantares de família, os oradores inscritos virem prevenidos com volumosos maços da tipografia.

— Tem a palavra o senhor fulano de tal... O sujeito levantava-se, desapertava a gulta, abria o volume e, pronto, distribuía pelos presentes o discurso impresso. Quem queria passava a vista por cima — e, se gostasse, vinham a sarilvada de palmas tradicionais e os apoiados do costume...

MANUEL MARTINHO

## Vamos pescar à linha?



ESTAMOS em plena época de pesca à linha. Pela Costa do Sol, do outro lado do Atlântico, na Praia das Maças, o homem — e algumas vezes a mulher — desce barrancos e fica-se a cismar, encarrapitado num rochedo, à espera que o peixe mordá o isco. Dias cinzentos, de ondas turvas, baixas e grossas, como se trouxessem no ventre a incmensurável riqueza dos oceanos — são êtes os de melhor cálculo piscatório. Os ingleses têm na pesca o seu melhor desporto — diz-se até que fizeram das caves e abrigos londrinos belos tanques de criação de trutas... — mas os portugueses, vamos lá, também gostam de pescar à linha...

(Fotos João Martins)

## ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Há dias, a fim de tomar um carro para a Baixa, fui para a paragem da rua Angelina Vidal, às 9.15, tendo estado ali nada menos que 20 minutos à espera de um carro. Surgiu, então, o eléctrico n.º 204, que teria de dar o volta pelo largo da Graça e por S. Tomé. Pois não obstante o referido carro ter curtíssima paragem naquele Largo, demorou simplesmente 35 minutos até à rua Augusta, em frente da paragem de Santa Justa. E é de notar que no Largo da Graça entrou um inspector, ou coisa que o valha, da Carris, que devia ter verificado isto mesmo.

Resultado: cheguei ao emprêgo fora de horas, o que certamente aconteceu a muitos outros passageiros, a avaliar pelas suas expressões de aborrecimento. E em virtude disto, perdi o «ponto» e, possivelmente, um dia de ordenado.

Embora seja escusado fazer comentários, permita-se-nos perguntar: Podemos estar sujeitos a êstes prejuizos? Poderão os passageiros estar sujeitos a tais contratempos, motivados pelo facto de a Carris ter ao serviço carros cujo material não está em condições de utilização?

ANTÓNIO RODRIGUES DA FONSECA

## FALA-SE ESTA SEMANA

DR. ARMINDO MONTEIRO



Por decreto recentemente publicado, foi o sr. prof. Dr. Armindo Monteiro nomeado chanceler da Ordem do Império Colonial. Até há pouco, o sr. dr. Armindo Monteiro foi embaixador de Portugal em Londres, tendo o ilustre diplomata entrado já na actividade das suas novas funções.

DR. COSTA RODRIGUES



Em seguimento de uma carreira brilhante dentro do funcionalismo público e da magistratura, o sr. dr. Costa Rodrigues acaba de ser nomeado juiz técnico aduaneiro, um dos mais altos cargos da hierarquia alfandegária, e que vai ser motivo do ilustre empossado mais uma vez evidenciar as suas qualidades de ponderação e inteligência.

## O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL  
À venda em todas as livrarias  
Uma magnífica edição de VIDA MUNDIAL



## SOLANGE DUARTE

UMA NOVA MILÚ DA NOSSA RÁDIO?

rimentar a sua vozita ao microfone. E, um domingo, a pequena Solange apareceu ao microfone. Foi um aparecimento sensacional: telefonemas, cartas, que sabemos nós! — toda a gente queria saber quem era a pequena artista, donde vinha e se voltaria a actuar. De tal modo, que Rádio Graça resolveu incluir Solange em todos os programas de domingo. Entretanto, a pequena estrelinha, que bem orientada poderá vir a ser uma grande estrêla da rádio e do cinema, estuda canto e piano com a professora Ema Lisboa. E, como todas as meninas da sua idade, prepara-se, naturalmente, para fazer exame, sem prejuizo das cópias da pauta e do gorgolio das notas...

Solange é alegre como um passarito, tem hoje onze anos desenvolvidos, gosta de cantar para as bonecas e não tem perrices nem é autoritária. Numa das últimas festas de Rádio Graça, Solange apareceu e foi a artista mais aplaudida.

Com tantos méritos e inteligência precoce, Solange não virá a ser a Milú que o público viu fugir no momento mais fulgurante da sua carreira de artista do cinema e da rádio?



A história maravilhosa e breve da simpática Milú, uma menina que apareceu certa vez a cantar ao microfone de Rádio Graça, que tinha muito jeitinho para declamar e um palminho de cara de meter no coração, anda na lembrança de toda a gente e revive cada vez que se anuncia uma nova estrêla da rádio ou do cinema. E vem agora a propósito, precisamente, lembrar Milú: apareceu, há cerca de um ano, uma nova garôta que canta e dança e é uma simpatia. Chama-se Solange Duarte, tem 11 anos e trabalha em Rádio Graça. Como Milú, pode dizer-se que está a fazer os primeiros passos em Rádio Graça, como ela apareceu nos palcos de amadores...

Mas vamos à história de Solange — que pode ir sem Duarte, para ficar mais doce e mais no ouvido...

Certo dia, ao passar pela Trafaria, um dos dirigentes de Rádio Graça entrou no Clube local. Havia ali uma festa e, nestas coisas, às vezes, aparecem pessoas e acontecem coisas inesperadas... E, de facto, o seu instinto artístico não se enganou: a certa altura, aparecia uma pequena de 10 anos que encantava a assistência, cantando e dançando uma canção que nessa altura entrara no domínio popular. Logo ali o dirigente de Rádio Graça pediu aos pais de Solange autorização para expe-

# ARTES

A caminho de uma iniciativa

**Vai constituir-se um grupo de pintores para fazer o comentário do ano?**

O vento vai próprio para as grandes iniciativas, para os actos de coragem, para a revolução dos processos de acção. Quem hoje percorre os salões de exposições sente esse hábito de interesse, de renovação. Há muito dinheiro disponível — para quem o tem... — muito capital sem destino, flutuante, portanto, e ao capricho da inspiração do momento. Pois, muito desse dinheiro vai para as exposições dos nossos salões de arte. Vendem-se hoje mais quadros numa exposição do que há oito ou dez anos num ano inteiro. Todavia, a compensação não é ainda a que devia atribuir-se ao mérito e ao sacrifício dos artistas — porque o público, mesmo o de dinheiro fresco, recentemente adquirido com os negócios da guerra, ainda não tem o paladar afeito às obras de arte e prefere, muitas vezes, gastar dinheiro em jóias ou em peles, que sempre são coisas de dar nas vistas pela rua, e um quadro é uma coisa que só é vista por quem lá vai a casa...

Enfim, por outro lado, uma das razões da crise em questões de arte — crise de aquisição, bem entendido — está ainda nos processos clássicos de apresentar essa arte.

Ao que nos consta — e damos a informação sob certas reservas, pois quem devia não quis ou não pôde confirmar a informação — um grupo de rapazes vai constituir-se numa sociedade artística, para apresentar, pela imagem, o comentário anual dos factos ocorridos.

Será assim? Oxalá se confirme a notícia que nos chega cautelosamente, e a mocidade encontre no nosso meio, uma vez mais, o vento favorável que hoje sopra para as belas iniciativas. O comentário dos acontecimentos traria à pintura mais uma excelente função documental que hoje, quasi sempre, se esquecem de lhe atribuir.

## Maneiras de comer...

AQUI há tempos, Santana entrou muito satisfeito na redacção de um jornal onde é colaborador. Tinha acabado de almoçar, por sete mil e quinhentos, num restaurante do Chiado — o restaurante da Valentina.

Pergunta-lhe, então, Artur Portela, crítico de arte — inclusivé da arte de Santana:

— Então, comeu à valentona?

Logo Santana:

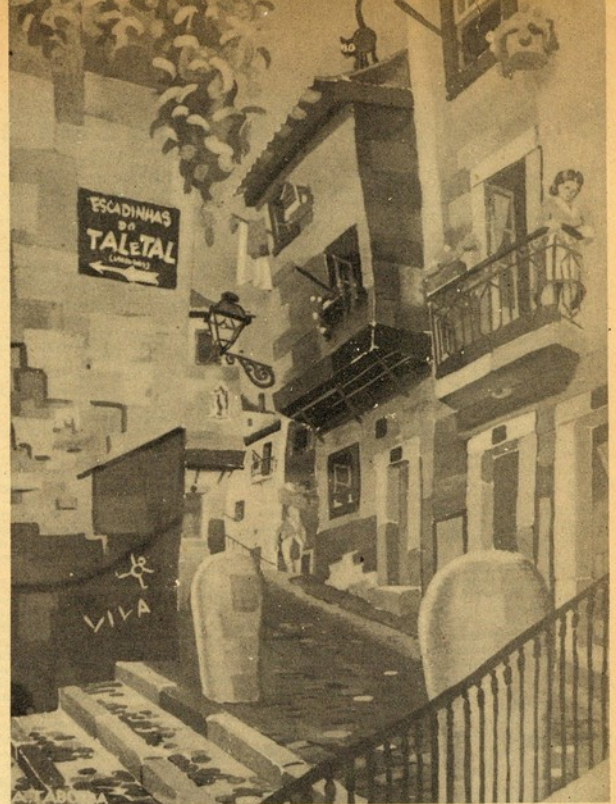
— Por sete mil e quinhentos, à valentona, não, há Valentina, à Valentina...

## Das marinhas de Francisco Maia à Lisboa de Américo Taborda

FRANCISCO Maia, com seu pai, Delfim Maia, um mestre da miniatura e do bronze, deram-se as mãos e subiram ao estúdio de São Pedro de Alcântara, para nos dar uma exposição policroma e variada. Evidentemente, o facto de pai e filho se juntarem é apenas, segundo cremos, um belo acto de camaradagem, porque os contactos na arte de um e outro são muitos. Já por motivo da matéria-prima a dominar, já pela distância de assuntos que os separa. De facto, Delfim Maia continua a ser um grande, um magnífico animalista que se desvia às vezes para outros temas. E é ver a graça imponderável de alguns — não todos — dos seus ferros e bronzes.

Seu filho, porém, não se entusiasmou diante da leitura, dos momentos da festa brava, das figuras do nosso dia-a-dia. Apenas, quando se divorcia do Oceano, nos dá alguns bons momentos da simfonia da fábrica. «Estabelecimentos fabris do Porto de Lisboa» e a «Praia de Pedrouços» são duas nítidas fugas do pintor. Às vezes, a sua pintura lembra-nos belas reproduções holandesas e inglesas, de um empastado sombrio e de uma alieitante linguagem de vida e movimento. Outras vezes, porém, Francisco Maia como que mergulha no mistério da natureza e, então, a sua pintura é nublada e intimista. Parece que o pintor fica a dizer-se segredos ou que se exprime numa linguagem estranha aos sentidos comuns. E o caso, por exemplo, «Do Parque Eduardo VII», «Da cerca dos Jerónimos», muito mais estáticos do que essa expressiva tela «Depois da pesca», um quadrinho cheio de movimento e alacridade. Ainda assim, «Um trecho da cidade» — o n.º 84 do catálogo — «Casas velhas», «Arinhos», «Capela de N.ª Senhora da Encarnação», em Buarcos, o «Panorama da Barra», «Forte de S. Julião» e «Giribita» — revelam uma outra técnica, como que o pintor viu erguer-se o nevoeiro da paisagem e retratou-a, tocando-a de um mistério diferente, tal qual a luz do nosso céu a oferecia.

Américo Taborda levou à S. N. B. A. uma parada de 208 quadros. É grande — e não valia a pena expor



«Croquis», coisas de nada, saídas por desfastio do lápis ou das aguarelas, podiam muito bem ter ficado ausentes desta exposição em que se sente uma intenção de agradar ao público que compra. Não é, por isso, homogênea a exposição de Américo Taborda.

Não deixemos, porém, de lhe dizer que, quando passar a usar das aguarelas nas suas verdadeiras tonalidades — é uma questão de técnica — e não na massa pesada que hoje emprega, os seus quadros adquirirão aquêle imponderável requisito de comunicabilidade artística, esse pequeno nada que é a arte que se sente e não se diz. Por outro lado, quando Américo Taborda desenhar a lápis ou à pena, com menos preocupações de fazer documento, de fazer tal e qual vé — é o caso dos chafarizes, primorosamente copiados — o seu lápis e a sua pena serão mais expansivos, adquirirão maior personalidade e farão crescer o nome que os detém.

Na aguarela, para nós são das melhores a «Rua da Regueira», «Telhados de Alfama», «Dia sem sol», uma «Mancha» muito engraçada, com o n.º 166, alguns recantos gratiosos tanta coisa de merecimento nulo.

de Alfama, «Mourarias», «O Castelo Picão», de bela mancha larga, um trechozinho soalheiro de Campolide, um outro quadro de «Alfama» — o 176 — com um primeiro plano demasiado carregado de tintas e de linhas a esmagar um fundo de presépio. «Escolas Gerais» tem já uma mancha menos convencional. Mas, aqui — salvo erro — a vista do autor iludiu-se nas linhas e desafogou demasiado a perspectiva.

Em pastel, gouache e óleo Américo Taborda mantém os condicionismos e as características que o distinguem na aguarela: as suas tintas são cruas, violentas, talvez duras, como, por exemplo, no retrato de Carlos Simões (Filho). Alá deve dizer-se que, no retrato, a vista do artista é fidelíssima: a parecença é flagrante, embora nem sempre falem à nossa sensibilidade alguns preconceitos académicos do artista, que quer acabar sempre muito bem os seus retratos, embora às vezes lhes falte alguma coisa de interpretação psicológica. Todos os condicionismos que aí ficam em nada, porém, diminuem o mérito do artista ou o valor da sua obra.

M. A.

# ESCULTURA INGLESA



Vicky é hoje um dos artistas mais representativos da moderna arte de esculpir. A sua última exposição marcou como grande acontecimento artístico. Este é o grupo «Saturday Night».



«Little girls», um dos últimos trabalhos de Vicky, contém um poder de graça imponderável, na sua simplicidade de cena quotidiana que marca bem o merecimento do seu autor.



Outra escultura muito festejada pela crítica, foi esta «Kids Wrestling» — uma cena de rua flagrantemente apanhada, cheia de detalhes e de poder de reprodução, aliado a um conhecimento anatómico assombroso.

## Últimas notícias de Hollywood

**Mickey Rooney teve uma insolação; Stokowsky vai realizar a "Vida de Cristo; Lana Turner tem outro noivo!**

**Q**UERE o leitor saber as últimas notícias, os mais sensacionais «potins» e as saborosas indiscrições de Hollywood? Aqui tem uma mão cheia delas:

\* Gipsy Rose Lee, a célebre bailarina nua dos palcos de Broadway, aguarda um bebé. Logo que ele nasça, seguirá para o Reno, a fim de se divorciar de Alexandre Kirkland...  
\* Mickey Rooney deu entrada no hospital de Fort Riley, com um forte ataque de insolação. Os médicos conseguiram, rapidamente, debelar os efeitos do sol, que lhe causaram uma grave perturbação.

\* Bonita Granville, mulher de Jackie Cooper, foi roubada. Um gatuno levou-lhe doze álbuns de discos, de música clássica. Dias depois, recebia todos os discos roubados, com o seguinte bilhete: «Estou farto já de os ouvir»...

\* Greta Garbo comprou a casa de Gladys Swarthout.

\* Leopoldo Stokowsky, o mais falado dos «romances» de Greta Garbo, vai realizar, no México, «A vida de Cristo», com música de Bach.

\* Lana Turner, divorciada de Stephan Craig, parece que encontrou remédio para a sua crise sentimental. Esse remédio chama-se Turhan Bey, e é a última «descoberta» de Hollywood, revelada em «Dragon Seed», ao lado de Katherine Hepburn.



Esta imagem evoca-nos todo o encanto da Primavera na Califórnia, que agora começa a sorrir. Sobre um fundo transparente do céu azul, Constance Moore personifica a juventude e a beleza da mulher americana, irmã gêmea das flores, na graça e na frescura, no brilho e na cor...

## Os que não vão ao cinema

**T**ODOS os anos dez biliões de homens gastam cerca de 225 biliões de escudos para ver 1.700 filmes novos, em 160.000 cinemas espalhados pelo mundo. E Lo Duca, que nos oferece estes números, como padrão do valor e da expansão do cinema, comenta: «Nenhuma religião conta tantos templos e tão elevado número de fiéis».

No entanto, por estranho que pareça, 85 % dos europeus não vão ao cinema. E, em França, segundo as últimas estatísticas, em cada quarenta milhões de pessoas, trinta e quatro milhões não frequentavam as salas cinematográficas. O cinema, embora seja o espectáculo das multidões, é ainda o espectáculo favorito de uma minoria.

Em França, o cinema falado fez aumentar, para o dobro, a percentagem dos que vão ao cinema. Em 1927, com efeito, esse índice cifrava-se em 7 %.

As estatísticas portuguesas são incompletas e não nos permitem formar um juízo seguro no que se refere ao panorama nacional. Verifica-se, é certo, nos últimos tempos, uma afluência crescente do público, mormente nos grandes centros. Há cinco ou seis anos, raros filmes atingiam as três e quatro semanas de exibição, e a média normal resumia-se aos sete dias da praxe. Hoje, quasi todos os filmes se mantêm no cartaz, sem dificuldade, durante uma quinzena, o que nos faz supor que a frequência das nossas salas, pelo menos em Lisboa e no Porto, haja, até certo ponto, duplicado. O prestigio crescente do espectáculo cinematográfico, o interesse cada vez maior das produções exibidas à roda do ano, e a preferência enraizada nas camadas novas, deve ter contribuído para o resultado. Mas, se pretendermos medir o acréscimo, pelo número de novas salas construídas no país, chegaremos a uma desoladora conclusão. O aumento nos últimos dez anos é insignificante, sobretudo se o compararmos proporcionalmente com o de Espanha e França, para nos limitarmos apenas aos países mais próximos de nós.

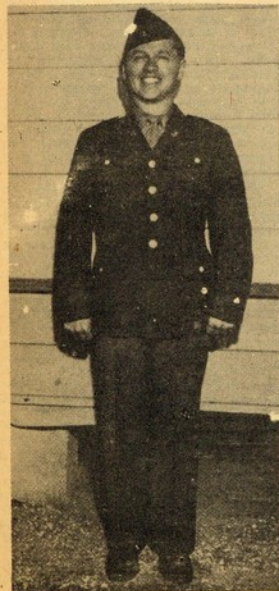
Em França, o filme falado fez duplicar a percentagem dos que iam ao cinema. A produção nacional, em Espanha, triplicou o número das suas salas, hoje cerca de quatro mil. Entre nós, porém, nada disto se verificou. E a razão explica-se. Naqueles dois países, o cinema falado deu ao público o atractivo de ouvir na tela a sua língua. Entre nós, limitada a produção nacional a duas ou três películas por ano, vimos o «écran» invadido por fitas dialogadas em idiomas estrangeiros, com legendas luctuosamente e de visibilidade tantas vezes duvidosas. O advento do cinema sonoro deu aos grandes países produtores a possibilidade de conquistar

(Continua na pág. 14)

## MICKEY ROONEY

soldado dos Estados Unidos

Mickey Rooney é, finalmente, soldado do exército dos Estados Unidos. Como se sabe, havia sido recusado, primitivamente, por não ter a altura mínima indispensável. Mickey beneficiou agora de circunstâncias de excepção, que permitiram o seu alistamento.



## A bailarina June Havoc deu uma festa, quando lhe tiraram o aparelho de gesso da perna fracturada...

**E** costuma quebrar uma garrafa de champagne para comemorar o lançamento dos barcos em construção! É frequente também celebrar com «cocktails» as inaugurações festivas. Mas não é vulgar, concordemos, organizar um «party» para assinalar o acto solene do quebrar do aparelho de gesso que envolve uma perna, mesmo que essa perna seja a de uma linda mulher, e essa mulher se conte no número das mais famosas bailarinas.

Coube a June Havoc a primazia de tão original idéia. Há pouco mais de seis meses, quando filmava uma cena nos estúdios da United Artists, June, encadeada pela luz dos projectores, deu uma queda aparentemente inofensiva e fracturou uma perna. Um acidente dessa natureza é sempre uma arrelia — e um contratempo. Mas, para uma bailarina, constitui uma catástrofe!

June Havoc, entregue aos cuidados dos melhores especialistas, esteve seis meses inactiva com a perna envolvida num monstruoso aparelho de gesso. Impossibilitada de mover-se, teve, por outro lado, que sujeitar-se a um tratamento especial para não engordar. Por fim, cento e oitenta dias após o acidente, as radiografias autorizaram-na a libertar-se da perna petrificada...

June Havoc reuniu, nesse dia, na sua casa de Nova-York, jornalistas, colegas e amigos. E foi diante de algumas centenas de pessoas que o seu médico assistente, o dr. H. A. Covelier, visivelmente emocionado,

restituiu a liberdade à sua lindíssima vedeta. A medida que o envólucro de gesso lá se eliminado, a perna de June Havoc surgia, em toda a pureza das suas linhas...

Os assistentes celebraram com uma salva de palmas o festivo acontecimento, a que a Imprensa nova-yorkina deu o devido relêvo.

E June Havoc vai começar a filmar...



Terminaram as filmagens de «A noiva do Brasil». Agora, começam os trabalhos de laboratório, últimos retoques, para que, em breve, o filme seja exibido e criticado. Para a última manivela da Atlante-Filmes covidou o sr. Presidente da República, que assistiu à filmagem de uma cena cantada por Maria Stáónio. Na foto, vemos Patricia Lancaster, a protagonista do filme, quando oferecia ao sr. Presidente da República um ramo de flores.

# DO PASSADO



EM COIMBRA

NO PORTO

**C**ONHECI a Coimbra-cidade, que era apenas autêntica cidade universitária, quando saíra da doce quietude propiciatória aos estudos. Não havia nenhuma outra; devemos, porém, a reforma ampliadora a esse grande propulsor da Educação Nacional, que foi António José de Almeida.

Nesses tempo, porém, que lindo era o Mondego, cintura de prata e prados de esmeralda, com o Choupal negrejante de troncos e de capas a assomar-se às portas de Ferro. Todos usavam as compridas batinas, por economia para os pais. Pois nada havia de mais caro que a exclusividade desse centro de estudos, inacessível aos ricos, custando esforços tenacíssimos aos remediados e aos pobres. Todos lá iam singrando, alguns se formavam e, em momentos de extremo desalento, sempre aparecia o «Magrinho» a dar crédito por um mês, ou o Arrobas, fortíssimo, dono da bi-semanal «Gazeta», a assinar com as suas siglas medievais, as espessas «letras»...

Isto, os lentes severos, cansados, as «esbetas» manuscritas, o «vídio» perpassar de um ou outro tómo de Direito ou de Medicina, formavam um «senhor doutor» na altura dos vinte anos. Os engraxadores iam-nos esperar à estação, pois dali vinham, a horas um pouco certas, os combóios de Lisboa e do Porto. Esses demónios promovidos aos mais cobiaçados graus académicos.

## EM LISBOA

Havia, então, certa cômieira entre a cidade e as «coursas», ou seja as pequenas colinas onde se encarrapitavam os Estudos Gerais. No fundo, questões de mulheres. Elas sempre preferiam a capa negra do estudante aos acastanhados tecidos vintistas. Fernandes Tomás, ao lançar a moda revolucionária do «Sinhedrio», bem se via ser do Porto. Não pegou!

Em Lisboa, temos passado o tempo a trazer os Estudos Gerais em bolandas: mal se acabavam de arquivar papéis, arrumam códiços, pautar matriculados vindos de todos os cantos do mundo, e logo a reforma deste transferia a Universidade para Coimbra. Quasi sempre, as velhotas que cabeceavam de sono nessas bandas da Mouraria, sobressaltavam-se ao menor descante estudantil. Quelixa ao corregedor, sentença e os processos acumulavam-se.

Assim foi indo a questão académica até 1911. Nessa altura, o tecnicismo jacobino do Governo Provisório fez lei a criação das três cidades-letras. Mas não havia nada de novo: a ultramontana Espanha, paredes melas com a gente, mantinha mais de vinte Universidades. O Camões, de espanto, um imenso, um transatlântico: «Ah!». A última velha rabujenta desse tempo já deve descansar em paz; e, agora, ocupam-lhes os velhos cadeirões de balouço aquelas meninas esguilas, tipo presunto magro convertido em toucinho fôfo. Umaz casaram, outras ficaram para trás. De averiguado há, terminantemente, a multiplicação da espécie estudantil. Não cederam, persistem heróicos através das contingências ou do estancamento do bolso paterno. Há baixas e elas não se ralam consideravelmente. Raposas, e as irmãs sorriem. As mãis olham, iracundas, para o seu Silva, o seu Costa ou o seu Pires, e murmuram: — Vê lá se te pões aí a fazer figuras tristes!... Era o que faltava.

# FALEMOS DAS UNIVERSIDADES E DA ARTE DE FAZER DOUTORES

de Farmácia. Parece um feitico excomungatório dos boticários e abralistas, desses tenazes Eusébios Macário — talentos adivinhadores da moderníssima mosca-terapéutica ou do peçonhento e curativo lagarto seco.

Nisto de curandices ou de curandeiros, o Norte leva a palma a qualquer outra região metropolitana. Só quando está para morrer, de um modo absolutamente autêntico, o provável moribundo chama a mulher e lhe pede três coisas: galinha, notário e médico.

Assim, causa admiração a sobrevivência da Faculdade de Medicina do Porto. Através de quantos cardos e espinhos ela tem vivido estes trinta e três anos? Mas, se forem a ver, o número de «stripeiros» matriculados no solitário edifício é sempre, foi e será minoria irrisória comparado com os refugiados de Coimbra, de Lisboa e, até, da extinta Escola de Medicina do Funchal.

## EM ÈVORA

Foi a Universidade em Évora — e nada como a tranqüila capital do Alentejo, sãdia e rica, para albergue de Altos Estudos. Hoje, ainda mais crescida em cultivos, em população e adensado o outrora desértico para além-do-Tejo das civilizadas manchas das suas cidades, vilas e aldeias, Évora terá de ser, melhor dito, de voltar a ser capital do Sul, pois inclui o Algarve na sua esfera de acção.

Da Universidade antiga só resta, segundo fulgo, a rica e variada Biblioteca. Ali, porém, se imprimiram notáveis monumentos tipográficos, dos primeiros e melhores conhecidos da Europa quinhentista — desse tempo, conforme diria o conselheiro Acácio, em que até os alemães liam em latim...

Mas toda a cidade está feita em grande. Por algo é o celeiro de Portugal. Por ali perpassou o sópro de todas as majestades. Casou, por exemplo, o filho do nosso «Príncipe Perfeito»; receberam-se as infantas de Castela nas margens do Calia; e de lá partiu D. João IV para Lisboa restauradora, e D. Miguel para Sines, uma vez assinada a capitulação de Évora-Monte.

O município dos romanos, o elxo da vida alentejana, o estimulante da lei de crédito e ajuda à lavoura do trigo de Elvino de Brito — tudo isso e alguma coisa mais, ou seja o ar de estável prosperidade que em Évora se respira, não-de impor-se e levar a aplicar-lhe a derradeira ventosa.

Ou seja, essa Universidade do Sul, fresca, alrosa, rebocada a cal, com seus lentes e reitor, o silêncio acolhedor, a prosperidade farta e simples da hospitalidade alentejana. Esse quarto ponto de orientação cultural, servirá melhor o interesse de Lisboa-capital que tudo quanto se venha a fazer e deixe na injusta espessura de infecundo matagal: a província.

CONSIGLIERI SA PEREIRA

# Candeeiro portátil de petróleo, nasceu há um século

**N**ASCEU, então. Inventado por um francês, propagou-o o senho Rockefeller (pai). O mundo oriental abriu os olhos, surpreendeu-se; mas ante os dois milhões de lanternas de zinco, com seus tubos de vidro branco ou de cor, viu na esquisita oferta o signo decisivo de novos tempos de ininterruptível progresso.

O ritual da luz tornou-se extensivo ao universo. Em 1840, os exércitos moscovitas forçavam, como hoje, as Portas de Ferro do Danúbio e do Pruth, libertavam e iluminavam a incandescente essência fundando a Romênia, avassalando o Cáucaso e a Crimeia. Tudo sob o mágico influxo do norte-americano morto há poucos anos, quasi tão velho como o seu invento!

Estavamos no século «das luzes». O iluminante, «nem líquido nem sólido», conforme a descrição do modesto frade franciscano que primeiro o viu nos desertos do Texas — inclara a sua fedorenta carreira. O burguês, inimigo de inovações, amigo da candeia de azeite vegetal, alarmou-se. Anos decorridos, aí por 1871, reforçava o petróleo a sua personalidade, ao servir de propagador do fogo na Paris em pugna civil ante os exércitos germânicos. Todos se acomodavam ao progresso. Resignaram-se, rabujando, a essa inexorável flâmula, ao lento relampejar da modesta luzinha domiciliária, acesa como se fosse um crime esbater as trevas, criar a luz áurea, e sua bagagem de acessórios acendiferos.

As costas acenderam-se, multiplicando-se os torreões dos faróis ou dos telegrafos ópticos. Nos combóios, a luz mortíga do oscilente petróleo; nas cidades, quer nas praças públicas, quer nas avenidas, o petróleo adiantou-se, em ondas untuosas... A base desta considerável transformação dos hábitos era, sempre, o «pitrolino» e seu candil — o depósito bojud e amarelento, a torcida espetivando-se atrevidamente e os indispensáveis fósforos...

Mas isso é já outra história. Do que sabemos, é da existência em nossos dias do candeeiro-luz, precu-

por da lâmpada eléctrica. Ele foi o primeiro democratizador do universo. E, sem a sua forma utilitária, estaria ainda por descobrir o tubo de vidro, a torcida bem embebida e sem bórras, recortada dia-a-dia pela tesoura doméstica.

As donas de casa tinham especial apreço por esses aparelhos raros. E, ainda hoje, apesar da irradiação da electricidade, conserva-se em muitas alegres casinhas da província o hábito doce de acender as luzes do petróleo dentro dos tubos de vidro, depois de esfregados, secos e delicadamente assentes em seus bocalis. Refugiavam. Tornaram possível o estudo e o trabalho do lar. Resgatavam a gente pobre e a rica também, de mil séculos de trevas, solidade, ou, pior ainda, da sujeição às bórras de óleo de peixe ou de azeite rançoso a pingar trêmula luz da candeia.

A arte e a fantasia adornaram os objectos mencionados. No fundo, sempre o mesmo petróleo e o bocal festivo a palpitar luz trêmula da torcida. Já tudo isso lá vai, havendo desaparecido os bonecos inverosímeis com que Barros Queiroz ganhou a honrada vida na tenda onde ainda vigora o seu nome e a sua memória: a loja dos candieiros.

Tudo tem um termo. No século das luzes, apuravam-se as torcidas, os bocalis e os vidros até final. Mas lá chegava uma noite em que se ouvia o clássico estalido: *tlm*. O vidro estalara e, nesses tempos de estrita economia, lá lá o mais novo comprar outro. Vendiam-nos em tubos de cartão, convenientemente almofadados, e o mensageiro da luz trazia-o com infinitos cuidados até o entregar à pessoa de maior respeito da casa. E a luz fazia-se, de novo doce, doméstica e preteada. Havia outra peça sensível, embora mais durável: o bocal de latão amarelo, vendido também em peças soltas. Parte animadora dele, a respectiva chave-botão para regular a maior ou menor intensidade da luz petrolífera, a brotar, azul em baixo-branca no meio leque formado nos extremos.

Quantas preocupações não causava a combustão da mecha de estopa felpuda, convenientemente tecida «lá fora», conforme a vaga e universal maneira de designar tudo o que não era de Lisboa. A «torcida» felpa, por muita lá ou algodão que contivesse, nasceu e morreu sendo «torcida».

Todos os dias, a avó punha os óculos, atava o aventalinho e, de tesoura em punho, examinava com a atenta minuciosidade o estado da encrespada língua luminante. Sira dava o botão obrigando-o a deitar alguns centímetros para fora. Nem pouco nem muito. Só o essencial para a manter erecta, depilava-lhe os bocadinhos queimados com tanto amor como se fosse reeducar um gato perdido ou um cão de guarda. Depois de apuradas as pontas e mantido o semi-círculo havia luz para toda a noite — isto é, para a estância das pessoas sérias, a jogar a «bisca» e o «burro», enquanto não chegavam o chá, as torradas e a manteiga.

O abastecedor era, sempre, o antigo azeiteiro, com seu burrico mansarrete, de grandes bilhas em zinco. De olhar doce, o jumento consentia ao rapazzo toda a sorte de picardias. A um quilómetro, ouvia-se o «homem do pitrolino» graças a um pequeno cornetim de que se servia. Compras modestas, armazém ambulante, quanto não trabalhava essa autêntica instituição nacional. Os vendedores tinham negras barbças, e debaixo das abas largas dos chapéus, tremulavam encrespadas trufas. Hoje em dia é conhecido o poder capilar do petróleo. Mas já nesses tempos recuados os popularizadores do óleo de pedra, aqueles que trabalhavam a por condutores, ignoradamente a por condutores, ignoradamente levavam à porta dos lares a luz com que estudámos, nos divertimos e, às vezes, suavamos as estopinhas, possuíam melenas triunfais e, podemos garanti-lo, absolutamente virgens — pudicamente intactas de ultrajante pente ou sombra de cosméticos!

Isto foi até ontem, até que se implantou o «sem-candeeirismo» actual e progressivo.



Os directores de dois diários que se publicam em Lisboa foram, recentemente, almoçar a um restaurante de luxo, aqui próximo do

Chiado. Almoço vulgar, trivial, sem iguarias, apenas com uma ligeira garrafa de Colares acompanhando o repasto. Veio a conta: à volta de trezentos escudos! Os dois convivas entreolharam-se, pálidos. Podia lá ser! Mas pagaram honradamente — na impossibilidade de restituírem por uma forma limpa e serena o que tinham comido.

Moralidade da história: mostra-se que a Polícia não costuma almoçar no restaurante em questão.

O CIRCO



Temos no Coliseu uma nova companhia de circo. Quando chegava à aldeia onde vivia Clemenceau uma companhia deste género, Clemenceau ia logo vê-la. Porque — dizia elle — os equilíbrios que fazem os artistas sobre a pista ensinam os homens públicos a equilibrarem-se no arame da política nacional. O «Tigre» tinha razão. Mas creio que podemos ir mais longe ainda. O circo, com os seus prestidigitadores, os seus «jongleurs», os seus palhaços, os seus excêntricos, os seus domadores de feras, dá-nos uma grande lição acerca do mundo e dos homens.

GRUPOS



Fundou-se, há tempos, em Portugal, o «Grupo dos Carlos», destinado a reunir, pela solidariedade dos nomes, todos os Carlos deste

país. Era uma ideia que não fazia mal a ninguém — bem ao contrario — e que tinha, pelo menos, a vantagem de ter uma certa fantasia. A semente, entretanto, floresceu. Acaba de fundar-se o «Grupo dos Fernandes», e está em marcha o «Grupo dos Tristões». Cautela! Há ideias que morrem... de fartura.

DEUSES CAPITALISTAS



Acabo de ter conhecimento pelos jornais de que o imperador do Japão, ente divino (considerado e adorado como tal pelos seus numerosíssimos súditos), é o principal accionista dos caminhos de ferro da Manchuria. Quere dizer: estamos em presença dum Deus capitalista. Eu não sei, confesso, como estas coisas se podem harmonizar. Pelo menos aos espíritos simples não deixará de afigurar-se que uma divindade deve estar muito acima destas baixas materialidades terrenas — como sejam o capital, o juro, as acções e a Bolsa. Um Deus, exactamente porque o é, não precisa de dinheiro. O dinheiro é uma grosseira necessidade humana. Parece, porém, que as coisas se não passam assim para os lados do Oriente. Para o Micado o lema é este: Japão, pão, queijo, queijo!

VERSOS



Entrou-me, há dias, pela porta dentro, Fernando Luso Soares — que eu conheci de bibe e calção. Trazia-me um livro de versos da sua autoria: «Estampas». Li-o com o interesse e a ternura que me merecem tôdas as obras da juventude, em que os próprios defeitos são, tantas vezes, excelentes qualidades. Ou eu me engano muito ou estamos em presença dum discípulo de Fernando Pessoa. Se é permitido a alguém, nestes tempos de prosa, aconselhar o seu semelhante a fazer versos — digo-lhe que continue, e desafio quem quer que seja a negar que este jovem lírico não é o mais «luso» dos nossos poetas — antigos ou modernos.

AS POLTRONAS DE JOSÉ LOUREIRO

O meu bom amigo José Loureiro resolveu substituir as incômodas cadeiras do «Teatro Avenidas» por algumas centenas de poltronas fôjas, cómodas e elegantes. Custaram-lhe à volta de três centenas de contos — o que é considerável, mesmo para um capitalista coberto de louros. Mas eu não queria senão que vissem o cuidado e a ternura com que o meu amigo Loureiro trata as suas poltronas! Dormem de combinação; de manhã vêm a «manucures» e o cabeleireiro; têm criada de quarto; e uma noite destas nas costas de cada uma surgiu este providente aviso aos espectadores: — Pede-se o obsequio de não se sentarem.



LIVROS



A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes livros que, gentilmente, lhe foram enviados: «Este mundo e o outros», suggestivo

romance de Rocha Martins, êsse intrépido homem que realiza o paradoxo de escrever quarenta e oito horas por dia; «Pólvera e Sangue», espécie de novela folhetinesca de Brehm e Pecegueiro e que, apesar do seu título tenebroso, não faz mal a ninguém; «Frente ao mar», contos de José Loureiro Botas, admirável pintura de costumes da região de Vieira, em que a aguarela nos dá, por vezes, a impressão da pintura a óleo; «Salazar perante o Mundo», de Armando Avila, volume útil e oportuno para o estudo da história portuguesa actual; e «Aventuras de Robinson Crusoe», contadas às crianças por essa risonha criança grande que é Henrique Marques Júnior.



Desarmando Marques Guedes

|   |  |   |
|---|--|---|
| Armando caminha,<br>Caminha e não cansa,<br>Gritando p'rás turbas:<br>— Finança! Finança! | Armando desfaz-se<br>Em belos artigos,<br>Com lindas palavras,<br>Com termos amigos!       | Armando ministro?<br>Justiça ao talento!<br>Virou-se-lhe a fôlha<br>Virou-se-lhe o vento. |
| Armando percorre<br>A Sabedoria,<br>Gritando p'rás «massas»:<br>— Economia!               | Favores são aos mil<br>Eu peço, tu pedes...<br>O Armando é Marques!<br>O Marques é Guedes! | Mas êle caminha,<br>Caminha e não cansa,<br>Gritando p'rás turbas:<br>— Finança! Finança! |

Uma figura que eu recordo

TITO Arantes, meu velho amigo e condiscípulo, mandou-me recentemente, o volume em que reuniu, sob o título de *Mundo de Cristo*, alguns dos artigos e crónicas escritos por seu pai — o saudoso Hemetério Arantes — espírito brilhantíssimo que a morte levou, há doze anos, e com cuja amizade muito me honrei. Hemetério Arantes é para mim uma saudade inesquecível. Conheci-o tinha eu dez para onze anos; a sua figura paternal nunca deixou de acompanhar-me na vida e na literatura; e ainda agora, muitas vezes, tenho a impressão de que o vejo e de que o oiço. Foi amigo de infância do Tito e para Hemetério Arantes os amigos do filho eram um pouco como se fossem seus filhos. Ainda me lembro das nossas reuniões na casa da rua da Quintinha, num pequeno escritório todo decorado com chitas e lenços de Alcobaca. Eram rentes o Tomás Colaco e o Luis Queriol Macieira — hoje médico illustre. O Tito e o Tomás faziam versos; o Queriol rabiscava caricaturas; eu projectava coisas espantosas; todos nós acabavamos por desarmar a casa de alto a baixo; e, quando menos esperavamos, abria-se a porta e Hemetério surgia risonho, bondoso, exclamando: — Então êsse Parnaso? Pelo que vejo em plena Revolução!

O filho era o seu ídolo. Naquella tarde em que o Tito — ainda, pode dizer-se, de bibe — se eu a um grupo de artistas e de criticos a sua peça *Emigrantes*, quando todos nós o abraçavamos pelo êxito da leitura — na sombra dum recanto, Hemetério Arantes chorava de coação. Os triunfos do filho nas letras, no teatro, na advocacia tornavam-se o seu orgulho. Eram — como êle me dizia uma vez — não apenas a sua vida, mas a sua mocidade. O volume, agora aparecido, constitue uma espécie de tributo que o filho vem depor, publicamente, no altar consagrado à memória querida de seu pai. É um grande ramo de flores colhidas no próprio Jardim literário que Hemetério Arantes com tanto desvelo e com tanta elegância cultivou durante mais de quarenta anos. Trazem a sua distincção — e o seu perfume. Respiram primavera. Aquilino Ribeiro, que prefacia o livro tem razão: «A obra de Hemetério Arantes, a vinte e mais anos de existência, está pletórica de vida e ressuma actualidade».

# TEATRO

Esteve em Lisboa

## CARMEN NAVASCUÉS

UMA ARTISTA QUE FOI A ÚLTIMA CONFIDENTE DE AFONSO XIII DE ESPANHA



**A** LGUÉM será capaz de identificar esta linda mulher de cravo na boca? De certo, ninguém reconhecerá nela uma das mais lindas e faladas espanholas, a última grande paixão de um rei exilado, a mais recente das notabilidades femininas que nos vieram de Espanha...

Pois bem: chama-se Carmen Navascués, esteve até há pouco em Espinho, onde passou o Verão, e passou depois por Lisboa. Não nos disse a linda mulher onde é que veio. Mas quando falou ao jornalista — ficou por fazer a sua grande entrevista — disse com uma tristeza perturbadora nos olhos lindos de negro:

— Tenho saudades do convívio de meu bom amigo Afonso XIII... A sua voz tem lágrimas tão grandes como os seus olhos. E o jornalista que sabe alguma coisa desse que foi o último reverber do paião de um rei no exílio, não quer insistir no melindre das perguntas.

Ele sabe já, de resto, que Carmen Navascués viveu em Roma no mesmo hotel que Afonso XIII e que deu por motivos de presença, em Itália, um contrato para fazer a protagonista de alguns filmes.

— Foi a «mulher fatal» de algumas das últimas produções italianas... E de tal modo agradel, que

ful convidada a interpretar uma série de filmes extraídos das novelas de Salgari...

— Como era Afonso de Bourbon na intimidade?

— Simples e bondoso, espanhol até à medula.

— Desinteressou-se, com o exílio, da política do seu país?

— Pelo contrário. Dia-a-dia, Afonso de Bourbon seguia os acontecimentos da política de Espanha, recebendo com alegria os compatriotas que lhe levavam notícias da nossa terra...

Carmen Navascués como que hesita nas suas revelações. Nós não queremos fer-la...

Mas uma imagem de um mundo diferente, poético e romântico perpassa na conversa: um par que se recolhe na sombra dos belos parques romanos, que desliza pelos cinemas de bairro, para que os olhos indiscretos o não vejam...

— Acompanhou-o na doença?

— Só até à altura em que foi preciso tornar público o melindre do seu estado. A rainha, sua esposa, foi ocupar o lugar que lhe cabia à cabeceira do doente...

Ela não o diz. Mas, por um momento, parece que vão sair estas palavras dos seus lábios de coral:

— Desapareci na sombra, porque era esse o meu dever e o respeito que devia ao meu rei e senhor...

Mas Carmen Navascués diz apenas: — Até ao último momento, o meu nome bailou na sua boca...

— Sim... O príncipe herdeiro, D. João, pediu-mo... E agradeceu-me o sacrifício carinhosamente...

Novamente Carmen Navascués hesita... Por fim, completa a sua confissão:

— Disse-me que, se algum dia renhasse em Espanha, provaria que D. João de Bourbon não é ingrato...

E, num remate dolente, quasi num suspiro:

— O príncipe sabia o que tinha sido a minha estima e devoção pelo último rei de Espanha, no tempo em que já não tinha trono e vivia triste e só naquele hotel de Roma...

Carmen Navascués regressou a Espanha, onde possivelmente regressará ao teatro com a graça, a beleza e a aura de uma artista que triunfou no cinema italiano e foi a mais íntima confidente do último dos reis peninsulares...

### Quando os empresários não estão de acôrdo com os críticos...

**A**QUELES que se interessam por coisas de teatro e têm o costume de ligar o aparelho para ouvir críticas teatrais, hão-de ter reparado que falta agora no Rádio-Teatro da Emissora, a voz de Luís Forjaz Trigueiros, ao Jado de Simões Müller — os dois fundadores daquele quinquenário, deve haver uns dois anos. Luís Forjaz Trigueiros tinha a seu cargo — e bem — a parte literária do programa mas, recentemente, anunciou-se a ausência daquele escritor e crítico teatral: tinha pedido a demissão...

Mesmo sem declarações oficiais, estas coisas sabem-se logo: E toda a gente ficou a compreender que este mundo é bem pequeno e que nele todos carregam demais: alguns rumores que passam por aí são muito expressivos. E dizem-nos que Luís Forjaz Trigueiros foi levado a pedir a demissão, porque alguns empresários de Lisboa teriam feito sentir a conveniência de cessar a sua colaboração com a Emissora, no caso de Trigueiros continuar a prestar o seu concurso a Rádio-Teatro...

O caso, muito Lisboa, não deixa de ter a sua graça, não é verdade? Sim, porque Forjaz Trigueiros, para não levantar dificuldades à nossa primeira estação oficial, resolveu mesmo pedir a demissão. E, agora, a substituí-lo, na última emissão de sexta-feira, já apareceu Mário Marques, um dos autores de «O senhor administrador».

Entretanto, Luís Forjaz Trigueiros continua a fazer as suas críticas — chamemos-lhe, acima de tudo, independentes — ao microfone da Emissora Nacional, num diário da tarde e num semanário políticos.

Da nossa parte, chamamos o assunto para esta página por um motivo apenas: têm ou não têm os críticos direito a usar da sua livre opinião?

Não se discute aqui se a opinião do crítico é ou não a melhor. Estranha-se apenas que a pessoa investida de funções críticas tenha de ceder, à pressão dos interesses das empresas. Porque isto é que é o grave da questão, e mal vai a crítica teatral se, além dos muitos males de que enferma, ainda tem de contar com este mais...

### GRUPO DOS AMIGOS DO TEATRO

Supomos que, numa das próximas páginas, daremos conta, aos leitores, de alguns aspectos da actividade de um grupo de verdadeiras dedicações com que o teatro val contar, e que bem poderão constituir os primeiros elementos do Grupo dos Amigos do Teatro. Também na próxima página nos faremos eco das palavras que à imprensa diária mereceu a nossa ideia.

### Você sabe?...

...Que na peça «O dono da Casa», original do dr. José Ribeiro dos Santos, a representar esta temporada pela companhia do Variedades, Erico Braga terá um magnífico papel de director de vários jornais, e que Maria Matos, sua «esposa», lhe dará a réplica num papel de fina comidade?

...Que há todas as probabilidades de vermos a companhia do Trindade desdobrada para um outro teatro e enriquecida de alguns grandes nomes da cena portuguesa?

...Se é verdade a escritora Olga Alves Guerra ter retirado o seu original aprovado recentemente para ser representado esta época num dos nossos primeiros teatros de declamação?

...Que vai estrear-se em breve, no Apolo, uma nova artista de variedades, de nome Maria Leão?

## TEATRO PORTUGUÊS

apresentado por EDITORIAL AVIZ

acaba de aparecer:

# RAÇA

por RUI CORREIA LEITE

40 representações no TEATRO NACIONAL

PREÇO: 15\$00

da mesma editorial

## DULCINEA

a tão discutida peça de CARLOS SELVAGEM

RUA DA TRINDADE, 20-2.º



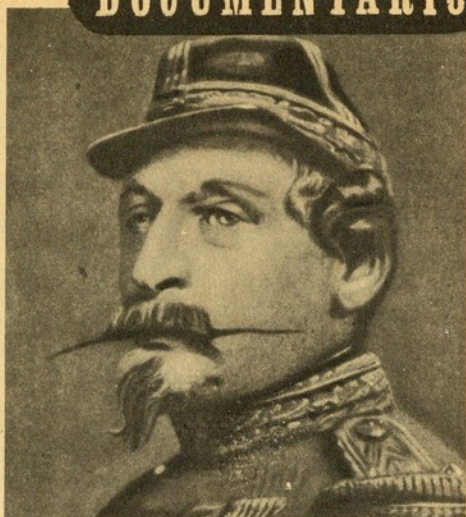
Two Talows — eis a parêta de bailarinos acrobáticos estiveram a fazer furor em Estocolmo e que, recentemente, conseguiram escapar-se da Dinamarca. Exhibem-se no famoso «China-Variedades». O sr. Talow nasceu na Índia, e sua mãe é de raça indiana. Sua esposa, que é, sem dúvida, uma magnífica acrobata — como as fotos o mostram — nasceu na Dinamarca, onde se tornou a senhora Talow.







A imperatriz, os filhos, médicos da corte e grandes do império assistem à morte do «Corso», tal como o profeta de 1542 o predissera



Napoleão III, que ao subir ao poder, quis tomar conhecimento da profecia de Olivarius

# O MÉDICO-ARQUEÓLOGO OLIVARIUS PREVÊ, EM 1542, A CARREIRA DE NAPOLEÃO EM 1793

**F**RANÇOIS de Metz, secretário geral da Câmara de Paris, celebrou-se pelas suas pesquisas nas Bibliotecas dos Beneditinos e dos Genovefinos, e encontrou numa das suas buscas um manuscrito de Philippe Dieudonné Noël Olivarius, médico e arqueólogo, cuja cópia entregou a Napoleão e este deu uma tarde a Josefina, em Malmaison. O manuscrito tinha a data de 1542.

Que dizia o manuscrito de Olivarius?

Isso:  
«A Franco-Itália dará nascimento a um ser sobrenatural. Este homem, muito novo ainda, sairá do mar e tomará a linguagem e os modos dos Franco-Celtas. Durante a sua juventude, seguirá seu caminho através de mil obstáculos, querido dos soldados de que se tornará generalíssimo. Este caminho tortuoso causará-lhe muitos sofrimentos. Parará a guerra, próximo do lugar do seu nascimento, durante mais de cinco anos. Ver-se-á, através dos mares, dirigindo a guerra com muita glória e valor; porá de novo de pé o mundo romano. Dará leis aos germanos; porá fim às desordens e aos terrores da França céltica, e será seguidamente nomeado, não apenas rei, segundo é costume, mas imperador e aclamado entusiasmadamente pelo povo. Combaterá por toda a parte durante o seu Império. Forá em fuga os príncipes, os senhores, os reis, durante mais de dez anos. Depois criará de novo novos príncipes e novos senhores, e falando do alto do seu trono elevado, gritará: *O sidera, ó sacra!*

Vê-lo-ão com um exército de mais de quarenta e nove vezes vinte mil homens de infantaria, usando armas e tubos de ferro. Terá sete vezes sete mil cavalos, montados por homens que usarão, mais que os primeiros, grandes sabres, lanças e couraças de ferro. Possuirá sete vezes dois mil homens que manobrarão terríveis máquinas, vomitando o enxófre, o fogo e a morte. O número total do seu exército, será de quarenta e nove vezes vinte mil homens. Levará na sua mão direita uma águia, sinal da vitória na guerra. Dará muitos territórios às nações e a cada uma delas dará a paz. Virá para a grande cidade, criando e dirigindo grandes projectos, construções, pontes, portos de mar, aquedutos, canais. Terá duas mulheres. E somente um filho. Irá guerrear na direcção onde se cruzam as linhas de longitude e latitude, durante cinquenta e cinco meses. Então, seus inimigos queimarão pelo fogo a grande cidade, e ele entrará nela com as suas tropas. Retirar-se-á quando ela estiver reduzida a cinzas e o seu exército será desbaratado. E as suas tropas, não tendo mais nem pão nem água, serão dizimadas por um grande frio, que será tão terrível que dois terços do seu exército perecerão e mais de metade do resto não voltará mais ao seu comando. Então, este grande homem, abandonado, traído pelos seus amigos, será por seu turno perseguido com grandes perdas, até quasi junto da sua capital, pelas grandes nações europeias. Para o seu lugar, virão os reis do velho sangue capéto. Ele,

condenado ao exílio, neste mar de onde saiu jovem, e perto do lugar do seu nascimento, aí ficará onze meses com alguns da sua comitiva, verdadeiros amigos e soldados, que haviam sido outrora mais de sete vezes sete vezes duas vezes este número. Passadas sete luas, ele e os seus companheiros embarcar-se-ão e porão de novo pé sobre a França céltica. E ele reentrará na grande cidade onde se encontra assentado no trono o rei do velho sangue dos Capéto, que se levanta e foge, levando consigo os ornamentos reais. Restaurado no seu antigo império, dará ao povo excelentes leis. Então, será rechaçado de novo por uma triplice aliança das nações europeias, após três luas e o terço de uma lua, e voltará ao seu lugar o rei do velho sangue dos Capéto. E ele será tido por morto pelo seu povo e seus soldados que, desta vez, ficarão em suas casas contra sua vontade. Os Celtas e os Franceses devorar-se-ão uns aos outros como tigres e lobos. O sangue do velho rei dos Capéto será a causa sempre presente de negras trações. Os maus serão iludidos, e pelo fogo e ainda pelo fogo, serão massacrados. Flor-de-Lis será mantida, mas os derradeiros restos do velho sangue estarão sempre em perigo. Então, bater-se-ão entre si. Seguidamente, um jovem guerreiro dirigirá-se-á para a grande cidade. Levará um galo e um leão sobre a sua cota de malha. E a lança lhe será dada pelo grande príncipe do Oriente. Será maravilhosamente ajudado pelo povo guerreiro da França-Bélgica, que se reunirá ao povo de Paris para pôr fim às desordens, para reconciliar os soldados e para tudo cobrir com ramos de oliveira. Bater-se-ão com tanta ória, durante sete vezes sete luas, que a triplice aliança das nações europeias, em grande terror, e com gritos e lágrimas, oferecerá os seus filhos como reféns e eles próprios se colocarão sob as perfidas, justas e amadas por todos. Então, a paz durará o tempo de vinte e cinco luas. Em Lutécia, o Sena, vermelho do sangue de inumeráveis combates, alargará o seu leito por entre a ruína e a peste. Produzir-se-ão novas sedições de maus trabalhadores. Então, serão postos sobre o palácio dos reis pelo valoroso homem, e após isto, ele será aclamado pela França inteira, por todas as grandes nações e pela nação sua mãe. E ele conservará os últimos restos do velho sangue dos Capéto para dirigir os destinos do mundo. Tomará o soberano conselho de toda a nação e de todo o povo. Firmará os fundamentos do pacto sem fim e morrêrá.

Diz-se que Josefina, após a leitura desta estranha profecia, perguntou a Napoleão, o que pensava sobre tão esquisito documento. E que Napoleão lhe respondera que as profecias dizem sempre o que aqueles que nisso têm interesse lhes determinam que digam. Por isso lhe não ligava importância. Só pôs em dúvida a sua falta de importância, quando regressou da ilha de Elba. E recordando-a, perguntou ao coronel Abd: «Serei eu o objecto daquela profecia?». E acrescentou: «Há coisas que estão acima da compreensão humana e que nós não podemos explicar». Quando Luís Bonaparte subiu ao trono quis ver o singular documento, mas não consta que sobre ele fizesse comentários. O manuscrito foi impresso em 1815 e faz parte das *Memórias de Josefina*, edições de 1820 e 1827. Figura também na colecção de profecias de Edouard Bricon.

O dr. L. Caze, ao referir-se-lhe, comenta:

«Vê-se que o médico-astrólogo Olivarius predissera miraculosamente a carreira de Napoleão; mas a profecia val mais longe ainda. O guerreiro, armado de lança pelo grande príncipe do Oriente, não veio ainda. Até lá, permita-se-nos de nos congratuar com um amável cepticismo. Isto escreveu o dr. L. Caze, em 1897. Até hoje, o tal guerreiro continua encoberto, mas isso não obsta a que a profecia de Olivarius seja curiosíssima, e se não descortinem nela acontecimentos que, não sêem de Napoleão, já hoje pertencem à História.

JOÃO PAULO FREIRE



A 18 de Agosto, Napoleão entrava em Smolensko. Mas como em 1913, a intronissão estrangeira era ilusória



Kutusoff, comandante dos exércitos russos derrotou o invasor e impediu que o czar assinasse a paz com Napoleão

# NOTAS RÁPIDAS



Os governadores civis do continente reuniram-se, há dias, no gabinete do sr. ministro do Interior, tenente-coronel Botelho Moniz, para lhes traçar as directrizes do que será a partir de agora, o Socorro do Inverno — mais do que uma protecção em tempo de frio, uma permanente sentinela dos infelizes sem pão nem lar.



A homenagem que foi há pouco prestada aos escultores Simões de Almeida, tio e sobrinho, foi uma alta manifestação de justiça que deve ser devidamente encarecida. Tomou a iniciativa da bela homenagem, a Casa de Figueiredo dos Vinhos, presidindo à sessão o chefe do distrito e elogiando a obra dos dois mestres da escultura, o pintor e crítico Armando de Lucena.



Os Carlos, essa simpática instituição que reúne hoje à sua volta qualquer coisa de parecida com mil sócios, prontos a realizar uma assinalável obra social, comemoraram, há pouco, o seu XIV aniversário. Houve distribuição de vestuário a alguns Carlos, bado aos pobres — e um jantar de confraternização de que damos um aspecto e durante o qual as colectividades de Lisboa lhe prestaram homenagem, cobrindo-lhe o estandarte com as suas fitas.



Vamos ter mais um grupo associativo — o dos Fernandes de Portugal, filantrópica associação que se propõe levar a efeito um vasto programa de confraternização em todo o país. As comissões organizadora, auxiliar e de propoganda estão já eleitas e encontram-se representadas na foto que damos junto.



## Fábrica Produtora de Cristais e Lustres

Constituiu um verdadeiro acontecimento de Arte a inauguração, no dia 2 de Dezembro na Rua das Chagas, 17-C ao Calhariz do estabelecimento de vendas da Fábrica Produtora de Cristais e Lustres propriedade do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Tomaz de Freitas Orfão.

Nesta moderníssima casa que honra o nosso Comércio e Indústria, e à qual aconselhamos uma visita, encontrarão V. Ex.<sup>as</sup> uma variedade notável de lustres, candelabros, castiçais e muitos outros artigos de sua fabricação.

MEIAS E MALHAS INTERIORES  
MEIAS E MALHAS INTERIORES  
MEIAS E MALHAS INTERIORES

*Meia de Vidro*

## MEIAS E MALHAS INTERIORES

RUA AUGUSTA, 158 / RUA DA VICTORIA, 58-64 / TEL. PROVISÓRIO 25632

## Duas explicações sobre o "Problema n.º 25" da página "Mistério e Aventura"

Chamamos a atenção dos leitores da página «Mistério e Aventura» para o seguinte esclarecimento sobre o problema n.º 25:

1.º — Aonde se lê na primeira parte — *O que sucedeu ontem à noite* — o seguinte período: «*Ontem a noite, precisamente às vinte horas e trinta e cinco minutos*», etc., deve ler-se: «*Ontem à noite precisamente às vinte e uma horas e trinta e cinco minutos*», etc.

2.º — Acerca do «croquis» falta a seguinte indicação: «Este «croquis» representa o 1.º andar muito alto da vivenda, o qual possui apenas

um escritório (I), uma saleta (II) e a sala de visitas (III). A, B, C são portas. C, dá para a escada que liga ao rés-do-chão.

Devido a essas faltas tipográficas, comunicamos aos leitores que o prazo da entrega das soluções do Problema n.º 25 fica prolongado até ao dia 13 de Dezembro. Assim, todos os leitores que queiram enviar novas soluções ou quaisquer rectificações às suas respostas, podem fazê-lo até à data acima indicada.

REPORTER MISTERIO

NOTA DA SEMANA

A situação material dos locutores actuais

Um artigo publicado no semanário «Acção», de 22-11-944, assinado por Lucena Coutinho, traz entre outras as seguintes considerações: «...Um locutor tem uma ocupação e uma responsabilidade que ainda não se tomaram devidamente a sério, cá no burgo! Um locutor não se inventa, não se improvisa. Pode aperfeiçoar-se, mas para isso tem de possuir qualidades natas, daquelas que só a natureza dá, sem empurrões, nem empenhocas, seja de quem for! A profissão de locutor é uma profissão especializada; para se ser um bom profissional, não basta que o indivíduo tenha cultura, boa pronúncia, calma, intuição — as tais qualidades, que não se vendem a metro nem a péso; precisa também de não ter nada que lhe altere a boa disposição, indispensável no lugar. Para isso que fazer? Pagar bem. O dinheiro é ainda — será sempre — a razão-base, de tudo quanto possa desanuvlar o espirito, mantê-lo vivo, cintilante, ductil».

E mais adiante: «...o melhor testemunho de que assim é, prova-o flagrantemente a deserção dos locutores oficiais, que não têm tido redubo em trocar um lugar certo, por outros, incomparavelmente mais bem remunerados».

Ora, o mesmo ou pouco menos já tem sido aqui dito. Simplesmente, nunca quisemos pôr o caso com a justa franqueza com que o fez o semanário «Acção», pela simples razão de não sermos acusados de defender um caso geral que directamente não atingia. Hoje, porém, todas essas circunstâncias desapareceram, pelo que podemos falar com o desassombro devido. Por isso — tentando apenas obter justiça para uma classe, apoiámos as palavras de Lucena Coutinho, e com ele dizemos:

— Tem razão. Tem muita razão!...

E isto dizendo, pomos os olhos em todos aqueles que, pelos motivos apontados na «Acção», se vêem despostosamente obrigados a abandonar a sua verdadeira profissão — a que lhes está no coração — para seguir outros caminhos mais incertos, menos estáveis... mas de inegáveis melhores rendimentos imediatos... Porque todos, ou quasi todos, têm renda de casa a pagar e família a sustentar... por 900/500 escudos mensais, que é o ordenado de um locutor oficial.

A situação, sabemos-lo e confiamos, será modificada num futuro breve. O Estado olhará o caso e dar-lhe-á solução. Mas seria justo que ninguém se esquecesse da existência dos pioneiros que deram alma à Rádio portuguesa e se arrastaram nesta primitiva e actual situação...

FERNANDO CURADO RIBEIRO



JORGE ALVES JÁ ESTÁ NA AMÉRICA...

No passado dia 23 de Novembro a notícia correu, em segredo, o ambiente da Rádio...

— O Jorge vai logo à noite!...

— E foi assim mesmo: naquela noite, o pássaro grande, que é o «Clipper», levantou voo a caminho da América. Lá dentro, lá o nosso Jorge!... A voz da América roubou-nos, assim, a voz do Jorge, que já se fez ouvir em Portugal, numa bela descrição da América e em impressões de viagens.

Vêem, em cima, uma foto curiosa, a última que ele fez, após a sua última locução antes de partir. Nela estão, além de Jorge Alves, os seus camaradas Francisco Igrejas Caêro, Alberto Prêzetas, Pedro Moutinho, Lança Moreira, Francisco Mata, Carlos Ribeiro e Fernando Curado Ribeiro.

CARTAS DOS OUVINTES

Enderço: Rádio, «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.

UMA ADMIRADORA (Santarém) — Obrigado pelas suas amáveis palavras. — O artista em questão não pode dedicar-se totalmente a um único sector da sua vida!... Depois, há muitas complicações internas, nisto de Rádio!... — Veja uma resposta acima. — Rádio Clube Português transmite todos os domingos às 12,30 o programa a que se refere. Transmitirá brevemente, às quintas-feiras, um outro do mesmo artista.

DUAS MARIAS DE PORTUGAL (Leiria) — Escreva para a E. N. ou para o R. C. P. — Mandê 2\$50 em selos. — Aos artistas de que fala, escreva para a E. N.

MARIA LEONOR (Lisboa) — O «trio» Meireles é, de facto, o melhor conjunto vocal actualmente em actividade. Mas nada de perder a cabeça!... Nada de exageros!

MARIA HELENA (Pôrto) — Precisamente, as letras das canções a que se referiu, já foram publicadas nesta página.

UMA ADMIRADORA DE ARTE — Porque não usa um pseudónimo mais pequeno? — Pregunte à Secção Musical da E. N.

MARIA JULIA — Não damos moradas particulares e não sabemos a idade do referido artista.

MARIA OLGA (Pôrto) — Escreva aos artistas em questão para a E. N. — A letra que pede será publicada nesta Revista brevemente.

MARIA G. GUIMARÃES (Gaia) — O assunto anda muito descuidado, entre nós. Ninguém fez ainda e ninguém sabe fazer. Note-se, também, a complexidade do caso. Recentemente, os Estados Unidos da América do Norte remodelaram o assunto mas nada foi publicado. Talvez as livrarias lhe possam dar melhores indicações.

O TRIO LAMITI...

«Três raparigas e um cavaquinho»... — à semelhança do que se diz dos irmãos Mills: «quatro rapazes e uma viola»... De facto, o «trio» Lamiti com o cavaquinho, três sorrisos e três vozes afinadas e certas têm todo o «material artístico» de que precisam... Detacável, deste conjunto vocal, o esforço em favor do folclore português, que encontra nêlo uma interpretação curiosa que o valoriza. Aláás, o público ouvinte já o percebeu e está cada vez mais interessado nas actuações do «Trio La...Mi...Ti...».



«GONGS»

\* Rádio Renascença do Pôrto, tem apresentado um Semanário radiofónico que não é totalmente mau. Por que teria sido este trabalho retransmitido uma vez, apenas, pela estação de Lisboa? Recelo de confrontos desvantajosos para a estação de Lisboa? O trabalho em questão chama-se «Reportagem».

\* A centralização a que estão sujeitos os postos particulares de Lisboa e do Pôrto continua a suscitar conflitos. Recentemente, o Clube Radiofónico de Portugal exagrou o ataque à estação centralizadora, acusando-a do que ela não fez.

Que não concordamos com a centralização, que o Estado deve interferir no assunto, que os centralizados têm razão em estar descontentes, já não é preciso dizer!...

Mas, também, não concordamos com exageros como este último do Clube Radiofónico de Portugal!...

E, mesmo, quanto a nós, censurável e inoportuno.

São de louvar os esforços de Portuense Rádio Clube, com as suas emissões directas. Condenáveis o locutor e alguns dos apresentados!... Santo Deus! Diz-se tanta tolice e desafia-se tanto!...



O homem do nosso tempo

Há um certo número de problemas sobre os quais julgamos ser possível ter idéias assentes. A tarefa de conduzir a guerra é uma fonte de energias e, desse modo, mais natural seria que a pensássemos de atribuir a jovens. Não obstante, em 1914-18 a figura mais central foi a de um septuagenário — Clémenceau — como vemos outro tanto suceder, durante todo o decurso da conflagração actual, com Winston Churchill, outro septuagenário. Em 1939, a pouco mais de um mês da guerra, tivemos ocasião de encontrar Churchill na sua casa de Londres, um terceiro andar defronte de Westminster. Ele era, por essa altura, apenas um homem da oposição, embora fôsse filiado no mesmo partido que o homem que chefiava o governo, mas certo sentido especial, que não temos toda a projecção futura desse homem. Eram anos seguidos de acção, de coerência, o seu ar rosado de «baby» sexagenário. Era o seu optimismo, nos jornais de Londres, nos de Paris, nos de Nova-York — constantemente agarrado aos problemas mais instantes e moldando-os num sentido que não era, evidentemente, o do governo do seu país, o do governo do seu partido, mas o das próprias realidades. Como Romain Rolland descobriu uma fórmula a que nem sempre soubera circunscrever-se — «au dessus de la mêlée» — Churchill, sem proclamar nenhuma fórmula, soubera adaptar-se a ela, ver os acontecimentos de fora, como homem que nenhum interesse prendia, que não fosse o próprio interesse, a própria razão de ser do raciocínio puro, isento de todo o preconceito. Em anos sucessivos — por esta época, cada ano marcava um ou mais acontecimentos decisivos na caminhada fatal que ia levar a guerra — ele soube ver quanto se passava e extrair de tudo a melhor, a verdadeira, a única interpretação: 1935, 1936, 1937, 1938 — o Sarre, a Espanha, a Áustria, a Checoslováquia. Era uma linha única a que não era possível descontinuar mais que um terrível desenlace.

Esta harmonia de pensamento, de conduta, de interpretação dos factos e dos homens fizeram de Churchill a figura n.º 1 de 1939, a que, mais que qualquer outra, nos atraiu e prendeu a atenção numa breve estadia na Grã-Bretanha. Ele não era chefe do governo, nem ministro, nem dirigente oficial, nem responsável sendo por si mesmo. Mas era já, aos olhos de quem tinha a preocupação de ver de fora, a figura principal para que se encaminhava o enredo do grande drama europeu. Numa visita às Casas do Parlamento, num intervalo de sessão, enquanto se preparava o voto de uma proposta do então ministro do Interior, «Sir» Samuel Hoare, sobre tumultos na Irlanda, não nos contivemos que não indagássemos de um polícia gigantesco.

— E o lugar de Mr. Churchill, onde é? O polícia gigantesco mostrou-nos o lugar, na bancada dos Comuns, onde se sentava o deputado Winston Churchill — e, olhando esse lugar, tivemos a inabalável consciência de que seria dali que haviam de ser proferidas as palavras decisivas que marcariam a transformação do que, aos olhos de muitos, era apenas a política do suicídio. Dois dias depois, quando um programa oficial assinalava visitas a mais uma fábrica, a mais um aeródromo a crescer, a um museu ou ao Cardeal, não tivemos remorso de infringir esse programa oficial e dar uma saltada ao terceiro andar defronte de Westminster, onde estava o homem que sentíamos vir a ser, mais dia menos dia, o árbitro supremo. Esse quadro jamais se apagará da nossa memória. Têmo-lo, indelevelmente, como um verdadeiro prefácio aos acontecimentos dos nossos dias.

Era nos fins de Julho de 1939. Foi preciso à Inglaterra sentir-se sózinha, à beira do maior cataclismo da sua história, para lhe fazer apelo, em Maio de 40. Esse homem único, corajoso, com uma biografia estranha, vigorosa, soube encarnar todas as preocupações e todas as possibilidades da Inglaterra e dos que sofriam a compreensão do seu drama. Foi o homem que, em 1940, num impetuoso arregaçar de mangas, soube dizer: «Vamos a isto!». O resultado da sua tarefa chegou para surpreender o mundo.

J. R. S.

FINLÂNDIA

27 anos de independência

QUANTAS vicissitudes, quantas lutas? Século XIX: a Finlândia deixa de ser um estado sueco. 1809: a Finlândia passa a ser um estado russo. A revolução bolchevista dá-lhe a independência. A campanha é violenta. Mas a República triunfa e, dela, se alimenta um grande sonho: o da paz, o da prosperidade — e a entrega de Petsamo, um pórtio sobre o Ártico, uma janela aberta ao comércio e à indústria. A paz veio, de facto, a prosperidade também, e ainda em 1934 era prorrogado até 1944 o tratado de não agressão fino-soviético. Entretanto, em 1939 — a 26 de Novembro — a guerra e os seus interesses envolviam os dois estados num conflito que foi o eixo do fracasso da Alemanha na frente Leste. Hoje, as realidades da mesma guerra chamaram a Finlândia para o campo da paz — mas a luta continua, não contra a Rússia, mas agora entre russos e alemães. E, agora — fez ontem 27 nos — que os finlandeses celebraram a sua independência — quantos desenganos, quanta larga e patriótica energia pela defesa de um bem conquistado.

Passou ontem, 6 de Dezembro, o 27.º aniversário da independência da Finlândia. O marechal Mannerheim, actual Presidente da República, representa a continuidade na vida da livre Finlândia. Foi ele que, em 1918, comandando um exército de camponeses, consolidou a declaração de independência, reconhecida pela Rússia em Dezembro de 1917. E, hoje, com os seus 72 anos, Mannerheim está de novo à testa do exército por ele próprio criado. Em cinco anos de luta, dolorosos, tornou-se o símbolo da firme vontade dos finlandeses que, acima de tudo, querem a sua liberdade.

A divisa de Mannerheim: «uma espada pura para uma causa justa», poderia também ser aplicada à Finlândia inteira...

Na foto, vemos o Presidente finlandês, quando recebia os membros do Parlamento do seu país, após a eleição que levou o «general branco» a Chefe de Estado.



HUNGRIA OS DESTINOS DAS NAÇÕES E DOS SEUS CHEFES

1848. O jovem imperador Francisco José I subia ao trono da Áustria. Tinha 18 anos. Entretanto, o seu reinado era fértil em agitações. Depois das tentativas da Itália e da Hungria para se libertarem da Áustria, surgiu a guerra com a Itália em 1859 e a derrota austríaca de Sadowa em 1866. Mas o reinado de Francisco José havia de conhecer outros revezes e até a sua pessoa havia de ser marcada por trágicos accidentes: a recordação do suicídio de seu filho, o príncipe Rodolfo, em 1889, e do assassinato da imperatriz Isabel em 1898.

Todavia, a infelicidade da Áustria e dos países que dominou não se extinguiu com a morte do imperador, porque as nações que dirigiu pareciam continuar ainda mergulhadas no mesmo destino de sofrimentos e lutas. A Áustria moderna não tem nada a invejar ao império de Francisco José em acontecimentos desastrosos. E a Itália e a Hungria, já separadas, a primeira há muito mais tempo, da velha corte de Viena, não conhecem melhores horas de paz e felicidade...

E o que se passa com as nações, passa-se também com os homens...

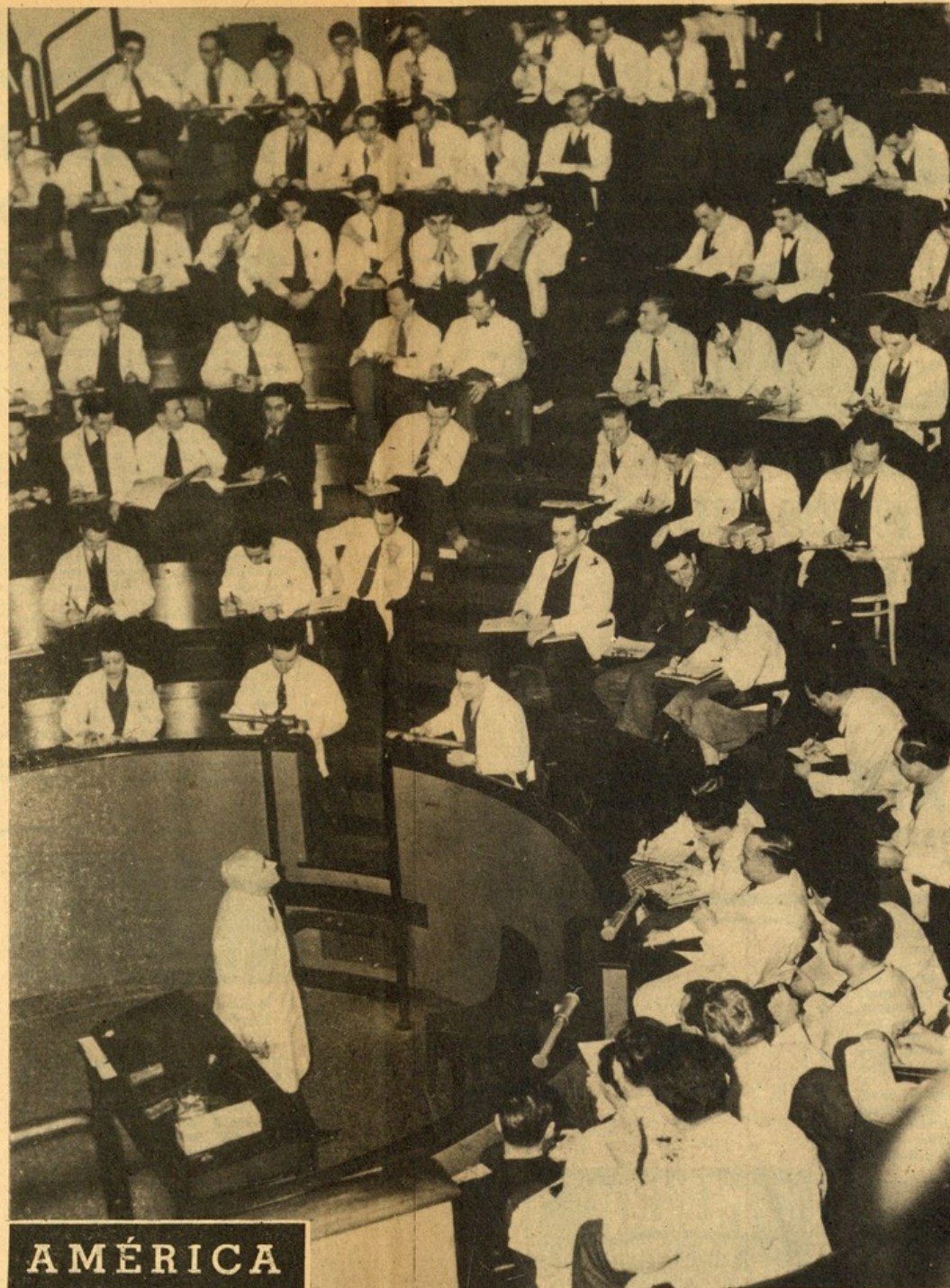
1909. Um húngaro é escolhido pelo velho imperador Francisco José para seu ajudante de campo, a mais alta distinção que um oficial da marinha imperial e real pode receber. E o jovem capitão de mar e guerra Nicolau Horthy conserva-se nesse posto até à guerra de 1914. Combateu, retirou-se quando a guerra acabou — ganhara nela as estrélas de almirante e o comando de toda a esquadra austro-húngara — e voltou a surgir para chefiar o movimento de libertação da Hungria de 1919, movimento que o colocou como Regente.

Seguiram-se anos de paz. E o povo da Hungria, agricultores na maioria, sentia-se feliz porque o Regente, na sua vida particular, era, como ele, um trabalhador da terra, ceareiro no Verão, a dirigir as vindimas no Outono e a cuidar de próprio da criação dos seus cavalos. E viram-no também todos os multos desportistas húngaros, na prática assídua do «tennis», natação, automobilismo e caça, assistindo a todas as manifestações desportivas.

Mas veio a segunda guerra mundial, a de 1939. E a Hungria viu-se arrastada para uma guerra que foi primeiro só para alguns dos seus soldados e acabou por ser para todo o povo húngaro.

Nicolau Horthy, que na sua vida íntima sofrera já terríveis provações — o seu filho mais velho encontrara a morte num avião de «caça» em que combatia — e não pudera poupar à Hungria os primeiros sofrimentos, quis, quando os exércitos aliados se aproximaram das suas fronteiras, evitar mais graves per-

(Continua na pág. 44)



AMÉRICA

A JUSTIÇA DA PÁTRIA



FRANÇA

Quem são estas mulheres de rosto abatido, a cabeça rapada, o ar comprometido? Os jornais não lhes dão o nome. Mas, por baixo da foto, vem uma legenda que nos dá a medida do drama francês — o de ontem e o de hoje: estas mulheres esqueceram-se da sua condição de francesas e do respeito e amor que deviam à França. Por isso a justiça da pátria, pelas mãos dos grupos populares, lhes cortou os cabelos à escovinha e as fez passear pelas ruas de Cherburgo. Colaboraram com o inimigo, têm o preço do seu desastre, pagam com a humilhação a sua falta...

Nuna sala de leitura, no Colégio de Clínicos e Cirurgiões, um médico-operator fala aos seus alunos, que vão tomando notas. Não é curiosa a disposição da «cátedra» — que perde aqui o seu verdadeiro sentido de lugar superior?

NOTAVEL pelas suas bóias de estudo e descobertas científicas, a Universidade de Columbia, em Nova-York, é uma das mais antigas, importantes e melhor conhecidas instituições pedagógicas americanas. Situada num local central da grande metrópole do Novo Mundo, recebe anualmente elevado número de estudantes finalistas de diferentes países, além de milhares de alunos dos Estados Unidos.

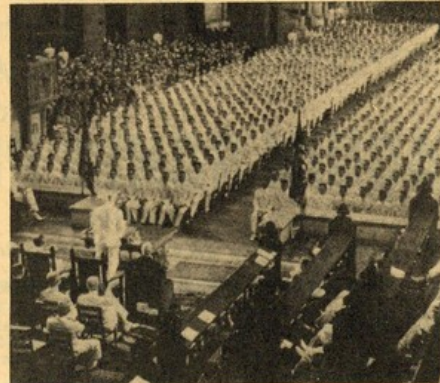
O Colégio do Rei, criado em 1754, por decreto de George II da Inglaterra, foi a organização donde proveio o complexo grupo de colégios, escolas e laboratórios, hoje conhecido por Universidade de Columbia. A direcção do Colégio do Rei, a sexta instituição fundada nas colónias americanas, estava a cargo dum preceptor, e era frequentada, ao principio, por oito alunos, não obstante a lei que o criara ser liberal e estabelecer uma perfeita liberdade de crenças, tanto para o corpo docente como para os alunos. Quando os Estados Unidos proclamaram a sua independência a instituição passou a

chamar-se Colégio de Columbia. Porém, em face do seu moroso desenvolvimento, noventa anos mais tarde o colégio possuía ainda apenas 107 estudantes... Hoje, a Universidade de Columbia ocupa 69 pavilhões emorningside Heights, perto do Rio Hudson, o ponto mais elevado de Manhattan Island, uma zona de Nova-York com belos edifícios e passeios públicos, e é frequentada por 30.000 alunos, tendo um corpo docente de 5.000 instrutores, professores e catedráticos. Os cursos de Verão são frequentados por mais de 12.000 estudantes. Columbia mantém também um importante curso livre para homens e senhoras que apenas podem dedicar parte do seu tempo a estudos académicos. A frequência destes cursos não habilita directamente a diplomas.

Durante esta guerra, muitas facilidades da Universidade de Columbia, incluindo laboratórios de pesquisas e dormitórios, estão sendo aproveitadas pela marinha norte-americana, que treina milhares de técnicos navais e que em Columbia todos os meses forma elevado nú-



A Universidade de Columbia não é só frequentada por estudantes ainda sem diploma. Aqui estão dois engenheiros do Equador e um médico do Paraguai — fazendo experiências num laboratório.



São 1.350 os diplomados pela Escola de Guardas-Marinhas norte-americana, que se vê na foto e que estão a prestar compromisso de honra, como oficiais. A cerimónia efectuou-se recentemente na catedral de S. João.



Um mundo cosmopolita estuda: Irena Pénis, filha de um célebre advogado polaco, fala com o dr. Basil Apostle, um grego que estuda engenharia química e está a especializar-se em assuntos referentes a carburantes.



Na Universidade há uma escola de jornalismo, dirigida por um profissional dos jornais americanos. Neste momento estudam matéria de imprensa, como se se tratasse da tiragem de um jornal.

A UNIVERSIDADE DE COLUMBIA

UMA GRANDE INSTITUIÇÃO UNIVERSAL

gar ainda mais o objectivo das suas possibilidades pedagógicas que serão de crescente importância para os estudantes no mundo do após-guerra.

Vinte quilos de arroz come um japonês em 30 dias

PARA um japonês, o arroz vale mais do que o pão ou o vinho para nós, ocidentais. O peixe, por sua vez, vale mais também do que a carne. Mas sem carne ou sem peixe — o japonês passa bem.

Todavia, recentemente, a economia da guerra — os japoneses estão a perder o controlo de muitas regiões arrojadas — obrigou as entidades oficiais a tomar certas precauções. E, assim, com grande desapontamento dos japoneses — conta «L'Illustré de Lausanne» — o arroz apareceu racionado, bem como o vinho que eles extraem da sua raiz — o «sake». A partir de há pouco, cada japonês tem direito a receber por mês, apenas... vinte quilos de arroz! Por mês! Vinte quilos de arroz por mês come um filho do Sol Nascente... e a lamentar-se!

## UMA REVELAÇÃO LITERÁRIA

Acaba de sair a 2.<sup>a</sup> edição de

# A CASA ABANDONADA

Por A. FERREIRA SOARES

Um romance que revelou um grande escritor.  
Os maiores aplausos de toda a crítica

**1 volume 15\$00**

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS GUMARAES & C.<sup>a</sup> editores R. DA MISERICÓRDIA, 68

ARMANDO FERREIRA o melhor escritor humorista

Saíram:

SORTE GRANDE (2.<sup>a</sup> edição 7.<sup>o</sup> a 12.<sup>o</sup> milhares)

OS MEUS FANTOCHEES (2.<sup>a</sup> edição 9.<sup>o</sup> a 14.<sup>o</sup> milhares)

**Cada volume 10\$00**

## Os que não vão ao cinema

(Continuação da pág. 5)

novos adeptos, tornando a espectáculo integralmente acessível às camadas menos propensas ao esforço de compreensão, a que é até então as obrigava. E que é assim, que o cinema falado na língua de cada povo é susceptível de criar novos adeptos, prova-se à evidência se nos lembrarmos que qualquer filme português ultrapassa a carreira dos maiores êxitos estrangeiros — porque conta com um público que normalmente não vai ao cinema!

São muitas e complexas as causas por que o cinema, dum modo geral, não se expandiu em Portugal, com o incremento verificado lá fora. Mas temos que reconhecer que tal facto anda intimamente ligado à estagnação da própria indústria cinematográfica portuguesa. E se nos lembrarmos de que esta, para ter mais favoráveis condições de existência,

## O destino das nações e dos seus chefes

(Continuação da pág. 12)

gos e mais negras horas. Pediu armistício a 15 de Outubro passado, data que val certamente ficar assinalada como a mais trágica da sua vida.

O que se passou ao certo será ainda ignorado do grande público por muito tempo. Sabe-se apenas que a vontade de Horthy para fazer a paz com os Aliados foi contrariada. E a Hungria continua invadida e nos seus territórios trava-se luta que já se avizinha da capital.

Forçado a abandonar a Hungria é levado para um país estrangeiro, o Regente deve ter sentido duplo desgosto: o de se ver fora da Pátria que defendeu segundo a sua consciência de militar e de húngaro e ainda a de saber entregue ao seu próprio destino o povo que há mais de vinte anos governava.

Exilado pela força das circunstâncias, pode assim dizer-se que o almirante Horthy esgota até ao fim as desventuras que o destino lhe reservara e compartilha da sorte do seu povo. Deve ter tido, por isso, ressaibos bem amargos o dia 6 de Dezembro, dia onomástico do almi-

necessita de novas salas e de um aumento proporcional de espectadores — não é preciso dizer mais para se verificar até que ponto o problema se apresenta aos olhos dos menos atentos: do filme português depende, em grande parte, a expansão do cinema como espectáculo; mas a produção nacional luta, por sua vez, com a escassez de salas, para firmar-se em bases estáveis e progredir no melhor sentido.

O filme português, assim, será, entre nós, o melhor propagandista do espectáculo cinematográfico e o mais poderoso dos elementos de gestão — junto daqueles que normalmente não vão ao cinema.

Tudo quanto fizermos no sentido de estimular a sua produção — reverterá em favor do cinema em geral. Porque quanto mais filmes portugueses tivermos a correr por esse país fora, menor será a percentagem dos que se mantêm alheios ao espectáculo dos nossos dias. E a pouco e pouco, o cinema irá ganhando, nesse mundo de desinteressados, novos entusiastas, novos adeptos.

FERNANDO FRAGOSO

rante Horthy, que no exílio vê esvaír-se em sangue um povo forte e de belas tradições culturais que o tempo há-de reencaminhar ao seu destino...

### O LIVRO DO MOMENTO

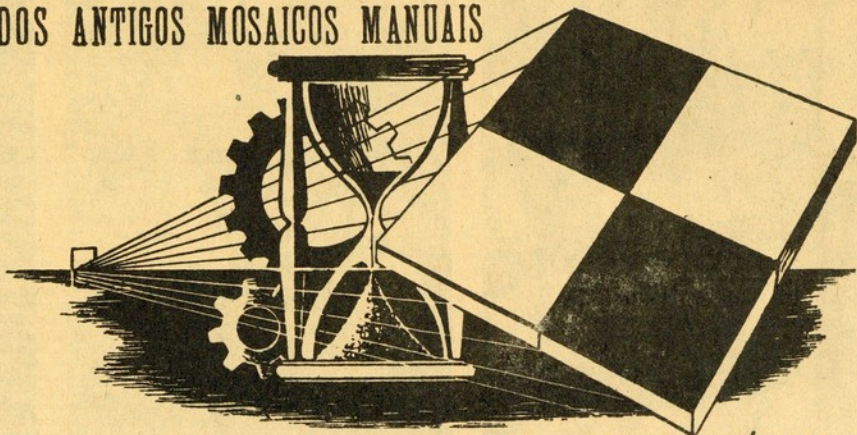
## A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra  
Por RAFAEL MARÇAL

À venda em todas as livrarias

Uma magnífica edição  
de «VIDA MUNDIAL»

## DOS ANTIGOS MOSAICOS MANUAIS



## AOS MODERNOS MOSAICOS HIDRÁULICOS

QUANTO TEMPO E QUANTO ESFÔRÇO FOI NECESSÁRIO PARA QUE A INDÚSTRIA DE MOSAICOS, CHEGASSE À PERFEIÇÃO ACTUAL

OS MOSAICOS DA MARCA  SÃO INCONTESTAVELMENTE BONS

FABRICO DE

# JOAQUIM GOMES PORTO & IRMÃOS

COIMBRA - PÓRTO

À VENDA EM LISBOA, RUA DO LORETO, 61 - LISBOA - TELEFONE 2 2567



**MEDICINAL**  
**PASTA / COUTO**  
**TRATA**  
gingivas doencadas  
ou sangrentas  
**EVITA**  
estomatites mercuriais  
ou birmuticas  
**MATA**  
os microbios da boca,  
que dão causa a tantas  
doenças graves





## O DEUS BRANCO!

EXTRAORDINÁRIA AVENTURA  
DE UM PESCADOR NUMA  
ILHA DO PACÍFICO

**P**ALAVRA de honra que há coisas que nem lembra ao diabo... Mas lembrou-se este espertalhão, que dá pelo nome de Harwen, ou melhor, que dava por este nome, porque agora, na linguagem dos seus adoradores, chama-se apenas Gu-Litu, o mago, o feiticeiro, o deslumbrante Deus branco.

Gu-Litu era pescador no Pacífico. Um dia, numa tormenta, o barco despedaçou-se de encontro a uma das muitas ilhas que por ali existem, e o nosso homem viu-se, de repente, cheio de fome, rótico e molhado, numa terra desconhecida e aparentemente deshabitada.

Como por ali fazia um calor dos diabos, Gu-Litu, ou antes, o pescador Harwen, desfez-se da roupa e, nuzinho em pélo, deu-se a explorar a ilha. Andou dois dias e duas noites, como nos contos da avózinha. Ao raiar da segunda manhã, avistou sinais de gente, uns homens estranhos, nem mulatos, nem pretos, nem brancos, nem amarelos.

Aproximou-se mais, sorrateiramente. Súbito, ouviu vozes e passos. Trepou a uma árvore e escondeu-se. Nisto... Mas é melhor deixar o próprio Harwen contar a sua história.

«Eu estava empoletado na árvore. Vi aproximar-se uma espécie de comitiva. Devia tratar-se do rei da ilha ou de qualquer grande personalidade. Depois, não sei como aquilo se deu, mas o que é certo é que me desequilibrei e vim cair mesmo ao pé do rei. Que espanto, que alvoroço! Passada a primeira surpresa, os guardas, com as caras pintadas de verde e azul prenderam-me, e se não me mataram nesse momento nem sei porque foi.

«O rei olhava para mim. De repente, falou qualquer coisa numa linguagem incompreensível. Pareciam cães a ladrar. Olhavam todos para o céu, intrigados. Eu nem me lembrava de que estava nu. Depois, com grande pasmo meu, o rei e toda a

comitiva puseram-se à minha volta, a cantar e a bater com as mãos no chão.

«Pensei que era o ritual antes de me comerem. Confesso que tive medo. Mas não. Eles que me viam nu e caído do céu, tomaram-me como um Deus e deram-me aquele nome engraçado de Gu-Litu, o deus dos brancos. Levaram-me para uma casa que não era melhor do que as nossas choupanas, mas que, entre eles, equivalia a uma moradia principesca. Rodearam-me de todos os cuidados. Nunca comi tanto nem tão bem, e as próprias mulheres, muito feitas, aliás, tinham grande honra em ser as preferidas do «deus dos brancos».

Para abreviar, resta dizer que o pescador viveu doze anos naquela desterrada ilha e que aprendeu o dialeto dos nativos. Fêz alguns milagres, coisa sem importância, diz ele, mas que fortaleceu a sua posição de «Deus».

«Apesar de viver muito bem instalado, com todas as comodidades a que um Deus tem direito — continua Gu-Litu — sentia saudades da minha terra e da minha família. Pensar fugir seria absurdo porque não tinha barco nem mesmo sabia onde me encontrava. Devo ao ataque dos japoneses a Pearl Harbour a minha salvação. Com este ataque, os americanos entraram na guerra e, um dia, eu vi passar um «destroyer» bem perto da ilha. Fiz sinais, chamei e, por fim, fui descoberto. Os nativos pensaram que os meus gritos e acenos faziam parte de qualquer oração e não me importunaram. À tarde, uma lancha veio buscar-me, e foi necessário atrair alguns tiros para os nativos se amedrontarem e deixarem-me partir. A minha história parece inverosímil e custava-me muito a fazer acreditar o capitão do «destroyer» americano, de que, de facto, eu era um cidadão branco, americano também. Hoje, confesso, tenho certa pena em ter deixado a ilha onde criara tantas amizades. Nem vocês imaginam como é engraçado e lucrativo a gente ser «Deus».

E aqui termina esta movimentada história, quasi fantástica, do pescador Harwen, que durante anos foi o «deus branco» Gu-Litu dos nativos de uma ilha perdida no Pacífico.

## COCKTAIL

### Sabe quem foi Schopenhauer?...



**E**M lugar de uma biografia exaustiva, talvez seja melhor contar a vida de Schopenhauer em duas ou três anedotas. Aliás, a vida deste grande filósofo pessimista, de que as senhoras muito têm a dizer, extremamente rica em casos picarescos. Se é verdade que, muitas vezes, uma única frase diz mais que todo o conteúdo de um livro, também é certo que as anedotas, quando autênticas e não forjadas pelas admiradoras ou inimigas, podem revelar uma personalidade. E este, parece, o caso de Schopenhauer.

Schopenhauer era irreflectido nos seus ódios ou nas suas simpatias. As suas opiniões exprimem, regra geral, uma ironia mordaz ou uma glorificação. Para Schopenhauer, o melhor autor da literatura francesa era Helvetius. Dizia ele a um amigo: «O facto de você ter lido Helvetius será levado na devida conta por Deus, que, de vez em quando, também costuma lê-lo».

Em 1818, Schopenhauer dividiu os escritores em três classes: 1.ª, poeira cósmica; 2.ª, planetas; 3.ª, estrelas de primeira grandeza. Schopenhauer, naturalmente, incluiu-se ele próprio nesta categoria.

\* \* \*

O maior compositor para Schopenhauer era Rossini. Ao falar nêlo, o filósofo levantava os olhos ao céu e dizia: «Aos que já ouviram Rossini, as demais obras musicais só podem causar náuseas».

Entretanto, Schopenhauer nunca faltou a concertos onde executassem as sonatas ou as sinfonias de Beethoven. Uma vez, aconteceu um facto bastante curioso. Schopenhauer vivia no hotel «Englischer». Um dia, de passagem por Franckfort, Rossini hospedou-se lá, também. Alguém, conhecendo a admiração que Schopenhauer tinha pelo maestro italiano, indicou Rossini, sentado numa mesa em frente, e propôs apresentá-lo a ele, Schopenhauer. O filósofo olhou o maestro demoradamente, e respondeu:

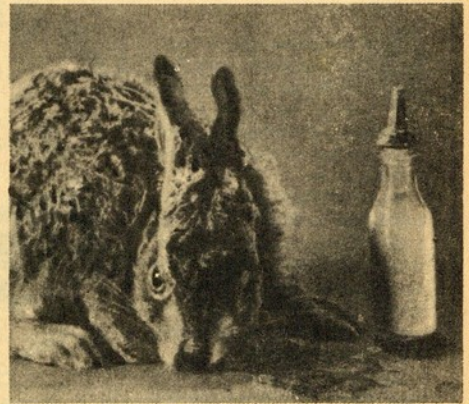
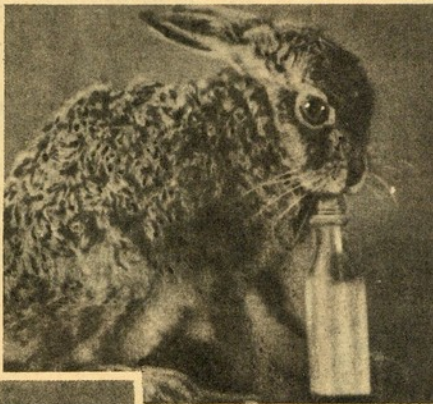
— É impossível que seja Rossini. Não passa de um vulgar francês obeso.

\* \* \*

Solteirão inveterado, quando não estava hospedado no «Englischer Hof», Schopenhauer fazia as suas refeições em casa. Comidava sempre alguns amigos, mas durante o repasto Schopenhauer nunca falava.

Tinha até um costume bastante original. Colocava sobre a mesa uma moeda, o que, como é natural, provocava a surpresa geral. Terminada a refeição, guardava novamente a moeda.

Um dia, interrogado sobre o caso, respondeu: «A moeda é destinada àquêle que, durante a refeição, diga, pelo menos, uma frase acertada. Há muitos anos que faço isto mas, até hoje, ainda não tive a oportunidade de premiar alguém...»



## LEITE DE VACA!

Parece que andamos empenhados em contar «histórias» de animais. Desta vez é o coelho «Pac», um dos muitos coelhos que habitam na herdade Frazer, na Califórnia. Isto era a alguns meses atrás. Agora, «Pac» já não vive nas habituais coelheiras. Mora, sim, em companhia dos seus donos, que quiseram deste modo premiar as suas qualidades de inteligência.

Na verdade, o «Pac» parece um coelho de circo. Come com os donos na mesa, não diremos com a compostura de uma pessoa crescida, mas, pelo menos, com a mesma que pode ter uma criança de seis anos.

Possue os seus pratos, a sua cadeira, o seu guardanapo e o seu «biberon». Aqui o vemos em três graciosas atitudes, durante o pequeno almoço, que se compõe de leite, nada menos que uma garrafa, e, ainda por cima, uma bela couve bastante verdinha.

E agora digam-nos sinceramente: Não dá pena ver um coelho, mesmo que se chame «Pac», beber todas as manhãs uma garrafa inteira de leite de vaca, coisa que nós, pobres mortais, não conseguimos provar nem uma gota?



NÃO PENSE MAIS.

A SAÚDE AL-  
TERA-SE FÁ-  
CILMENTE.



GARANTA O  
FUTURO DOS  
SEUS FILHOS



EFFECTUANDO  
UM SEGURO  
DOTAL  
DE RENDAS  
PARA CRIANÇAS  
NA

**\*ULTRAMARINA\***

RUA DA PRATA, 108 - LISBOA - TEL. PABX. 23348/9

VIDA  
MUNDIAL

*Alicel*

Tem o prazer de  
comunicar que a

ESTAÇÃO DE INVERNO E OUTONO

Inaugurada nos seus

SALÕES DE ALTA  
CONFEÇÃO DE PELES



DENTALINA

constitue um brilhante êxito de elegancia, aclamado pela numerosa clientela que os visitou no dia inaugural e louvou os seus modelos originalissimos para abafó e adórno, reconhecendo a modicidade dos preços etiquetados.

Rua do Loreto, 55, 1.º  
Telef. 2 4995

**INVERNO...**

REUMÁTICO...  
PARALISIA DA VIDA!

Algumas fricções de

**BAUME BENGUÉ**

e a vida continuará

NÃO DEIXE QUE AS DORES  
REUMÁTICAS LHE TOLEM  
OS MOVIMENTOS

Adquira por Esc. 15\$00, em  
qualquer Farmácia, uma bis-  
naga deste bem conhecido



**BAUME BENGUE**

O ANALGÉSICO DAS DORES

**MUSICA**

*em discos*

**O**S verdadeiros apreciadores de música não podem depender dos programas da rádio. Este facto é demonstrado pela procura sempre crescente que os discos têm em todo o mundo.

Um DISCOFONE com mudança automática de discos GRANDES e PEQUENOS em conjunto com o receptor de rádio e uma colecção escolhida dos discos de maior agrado do amador permite ter sempre a *música que se quer e quando se quer.*

As obras musicais em 3 ou mais discos têm acoplamentos especiais permitindo ouvir CON-  
certos, sinfonias, Óperas etc. sem ter que se mudar disco a disco.



VISITE-NOS E GOSTOSAMENTE  
DAMOS TODOS OS INFORMES

EST. VALENTIM DE CARVALHO  
RUA NOVA DO ALMADA, 97



Preço 7\$50

ESTÁ A VENDA EM TODO  
O PAÍS ESTE MAGNÍFICO  
ALBUM PARA  
PONTO DE CRUZ,  
O MAIS COMPLETO E UTIL  
ATÉ HOJE EDITADO  
EM PORTUGAL

TODOS OS TRABALHOS ESTÃO  
ARTISTICAMENTE COLORIDOS

PEDIDOS À:

**LOJA DOS FIGURINOS**

RUA AUGUSTA, 185 ★ LISBOA ★ TELEFONE 23569

## Viagens maravilhosas

IX

# Hungria, a terra das mil tradições

PARA nós, para a nossa imaginação, bem pode dizer-se que a Hungria é um dos países das «Mil e uma noites», tantas e tantas maravilhas ricas de pitoresco e de curiosidade o seu nome nos sugere.

Terra que acompanha o progresso, sem deixar cair no olvido as inúmeras tradições que se transmitem de geração em geração — a Hungria, de campos férteis, de indústria grande, de povo trabalhador e artista, ocupa hoje, indiscutivelmente, um lugar de destaque no concerto internacional de nações.

E venha o leitor conosco. Imagine que se está deliciando com a «Sinfonia Húngara», de Liszt. E viaje, pelo menos em pensamento...



1 — Aqui tem uma planície lavada, extensa, a perder de vista, onde se ergue um desses simbólicos fornos brancos, construído como nos primitivos tempos e que é uma das relíquias mais características dos húngaros.

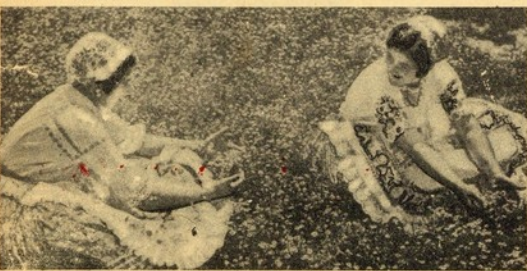
O cão branco, felpudo, o bando de patos grasnando, o carro típico que se vê ao fundo — tudo serve para enriquecer o cenário e torná-lo ainda mais pitoresco...



2 — Depois, ao cair da noite, encontramos este simpático grupo de pastores e de alceões preparando tranquilamente a ceia apetitosa. O lume ilumina-os e aquece-os. Perto, mais patos grasnando. E nestas noites, enquanto esperam que a comida esteja pronta, os húngaros são peritos em contar lendas e histórias de fantasmas...



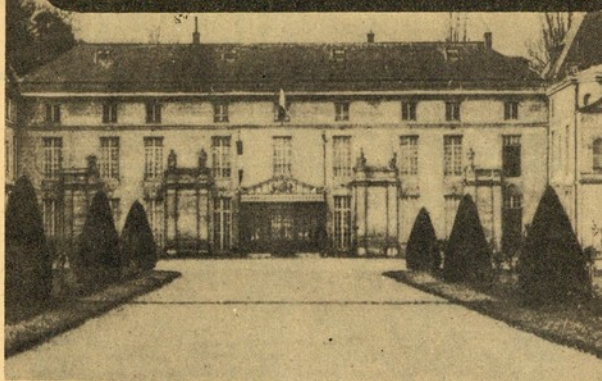
3 — Vejamos agora, na manhã seguinte, um bando numeroso que se dedica ao trabalho com afã em pleno campo. Com os seus trajos característicos, eles dão uma nota bem garrida ao campo imenso, onde os feixes se amontoam para serem transportados a caminho da cidade próxima.



— E, finalmente, eis duas lindas camponesas, vestidas a rigor (é dia de festa!) e entregando-se piamente a mais uma das mil tradições húngaras: cada porção de flores que consigam apanhar numa só vez, com as duas mãos em concha, representa o número de anos de vida que ainda terão.

Todavia, às vezes a tradição engana-se bastante...

## ITINERARIO PITORESCO



# História romântica dum castelo

ESTA é a fachada do famoso castelo de Malmaison — um pequeno mundo de recordações que evocam, a cada passo e a cada momento, o nome de Napoleão Bonaparte. E não só de Napoleão. De Josefina também, já que foi ali o berço e o túmulo do grande amor que os uniu durante longos anos.

Por isso mesmo — a história do castelo de Malmaison é uma história romântica.

Já a sua origem tem qualquer coisa de lendário. Naquele local existiam primitivamente umas enfermarias para leprosos. Essas enfermarias denominavam-se «maladeries» — donde se formaria mais tarde o nome de «Malmaison» — e terminaram em meados do século XIV.

Então, os terrenos pertenciam à Abadia de São Diniz, que os pôs à venda. E durante três séculos, eles andaram, de mão em mão, pertenceram a clérigos e a banqueiros, a ricos e a fidalgos, até um desses compradores efêmeros se lembrou de construir o castelo que havia de celebrar-se nos primórdios do século XIX.

De facto, em Abril de 1799, Josefina Tasher de la Pagerie, viúva em primeiras núpcias do general Beauharnais, comprou a Malmaison pela bonita quantia de 325.000 francos. Era nesse tempo, «uma moradia deliciosa, em que a vegetação se mostrava exuberante e onde se passavam momentos encantadores», conforme a opinião da duquesa de Abrantes, nas suas memórias.

Quando Napoleão uniu os destinos de Josefina aos seus destinos — pensava adquirir o castelo. Desde então, a palácios e as próprias tulherias ele havia de preferir, sempre que lhe fosse possível, «a existência alegre e deliciosa da Malmaison».

Tanto que as suas estadias no castelo foram relativamente longas. E nunca se poupou a melhoramentos para embelezar a casa de linhas austeras onde se criavam os seus sonhos de ambição.

Bouriene conta mesmo que Napoleão chegou a mandar construir na Malmaison uma pequena sala de espectáculo, onde todos os meses se realizava uma completa sessão de teatro.

E quem eram os artistas encarregados dos principais papéis e orientados pelo grande Talma?

Apenas estes, entre muitos outros: Madame Junot (futura duquesa de Abrantes), Eugénio de Beauharnais, Luciano Bonaparte, Murat, a futura Marechala Ney, a futura rainha Hortensia... Enfim, um conjunto artístico formado por generais e príncipes e grandes damas. Recordações da Malmaison!

Como curiosidade, aponte-se uma das distribuições do «Barbeiro de Sevilha», pelo qual Napoleão tinha um especial interesse: «Alma viúva», general Lauriston; «Rosina», Hortensia; «Don Basilio», Eugénio de Beauharnais; «Figaro», Didelot; «Bartholo», Bourrienne; e o «Espertalhão», por Isabey.

Mas tudo passa na vida. E à maneira que as ambições de Napoleão o foram arrastando cada vez para mais longe de Malmaison, o amor que existira entre ele e Josefina foi murchando também...

Até que no dia 16 de Dezembro de 1809, na Galeria de Diana, nas Tulherias, um divórcio esfarrapado para sempre esse amor que furara ser eterno.

Napoleão continuava subindo... E, num último requinte de gentileza, ofereceu a Malmaison a Josefina como recordação duma vida ainda saudável, apesar de tudo.

Sözinha, triste, ela voltou, na verdade, para Malmaison. E aí morreu anos depois...

Mas Napoleão tinha de voltar ainda à Malmaison. Não com seu sorriso de batalhador invencível, não com o seu luzido cortejo de adoladores, não para fazer novos planos de conquista.

Voltou, sim, mas cabaleiro e a passos lentos. Tudo acabara. Waterloo fêz o fim de tudo. Ele abdicara, de vez: «Ofereço-me em sacrifício ao ódio dos inimigos da França» — dissera como despedida. A 24 de Junho de 1815, a Câmara convidou o ex-imperador a abandonar a capital, em seu interesse.

E foi então que no dia seguinte ele se recolheu à Malmaison, à casa do passado glorioso, onde cada tapete e cada parede recordava uma época perdida para sempre.

Mas o «fantasma de Josefina andava por ali. Nas flores, no ar, na poeira dos passeios, nos reposteiros pesados, no próprio ranger das portas.

E Napoleão confidenciava:

— Essa pobre Josefina. Não posso viver aqui sem ela. Parece-me que vai aparecer dum momento para o outro, mas nunca aparece. Não posso!

E não podia. Numa triste manhã, disse adeus a Malmaison com os olhos raios de lágrimas, com o coração a saltar forte no peito, e partiu para Rochefort, a entregar-se aos ingleses.

Desde então, a Malmaison é apenas uma relíquia. Transformaram-na em museu, de facto. Encheram-na de documentos, de colecções, de objectos. Mas a verdadeira evocação da Malmaison está, afinal, sobretudo nas paredes que não falam, nas árvores seculares, no segrêdo dos lagos e, também, na sua história romântica...

GENTIL MARQUES



# PÁGINA DAS UTILIDADES



O VALOR DE QUALQUER DESENHO EM PRETO OU COLORIDO AUMENTA SE UTILIZAR OS LÁPIS DA MARCA

**Caran d'Ache**

REPRESENTANTES GERAIS  
DUNKEL & ANTUNES, L.<sup>da</sup>  
R. AUGUSTA, 56-1.<sup>o</sup>  
TELEFONE 2 4251  
\* LISBOA \*

CASA REGIONAL



AS MAIS LINDAS COLEÇÕES DE BORDADOS EM LINHO ORGANDI E TULE  
RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHIADO) — LISBOA — TEL. 25974



FÁBRICA PORTUGAL



CRISTAIS  
CUTELARIAS  
PORCELANAS  
ALUMÍNIO  
LOUÇA ESMALTADA

SALÕES DE VENDA:

RUA FEBO MONIZ, 2-2.  
PR. RESTAURADORES, 40-87  
AVENIDA DA REPUBLICA, 67  
RUA DA GRAÇA, 82-84

TELEFONES  
47157-8-9  
2 4948 e 41189 e 49109

L I S B O A



MODERNISE A SUA CASA DE BANHO COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

**Mármore Sousa Batista, L.<sup>da</sup>**

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30  
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643



FOGÕES E FOGAREIROS

A GAZ NACIONAIS E ESTRANGEIROS FOGÕES A LENHA OU A CARVÃO

ARTIGOS DE CASA DE BANHO, TELEFONIAS, CANDEIROS E UTENSÍLIOS ELÉCTRICOS DOMÉSTICOS

A PRONTO E COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

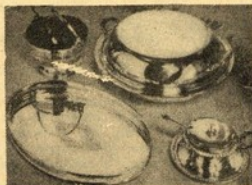
**J. COSTA & SILVA, L.<sup>da</sup>**

RUA ARCO BANDEIRA, 70-1.<sup>o</sup>  
LISBOA — TELEF. 26713

Atende-se a província



**MOURIVESARIA DA GUIA**  
FUNDADA EM 1875



O melhor e mais completo sortido

JOIAS \* OURO \* PRATA \* RELÓGIOS

RUA MARTIM MONIZ, 2-10 = RUA DA MOURARIA, 7-11  
LISBOA // TELEFONE 28336

PEÇA NA SUA PAPELARIA OS PRODUTOS «NORUS» TINTAS PARA ESCREVER, COLAS, LACRES E PAPEIS QUÍMICOS



**MOISES & REIS, L.<sup>da</sup>**

FABRICA: TRAF, DAS ÁGUAS VIVAS, 11  
TELEFONE 88-431  
RUA FÁBICA DA POLVORA, 22-B  
TELEFONE 11-431  
LISBOA

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA

## A saúde no ano 2.000

**Q**UANDO a mecânica do mundo principiar a funcionar um pouco melhor e as forças do progresso retomarem coragem, recomencará a conquista da saúde. Tudo quanto se tem feito e pensado actualmente, permite imaginar, com um mínimo de fantasia, o quadro da vida humana num futuro não muito afastado.

A ciência médica terá atingido um grau de grande utilidade humana, graças à instituição de um serviço de assistência levado ao mais pequeno lugarejo e sob o lema seguinte: saquillo que é bom para um pé bom para todos.

A existência do médico particular explorando com unhas e dentes a sua clínica, será um caso histórico só conhecido nas reconstruições do Museu de Higiene; o mesmo sucederá com a indústria farmacéutica, que fabricará apenas os bons remédios experimentados e nunca tentará ludibriar a ignorância pública, lançando drogas inúteis e nocivas no mercado.

O médico será um funcionário do Estado, possuindo à sua volta todo o material necessário para diagnosticar as doenças com honestidade. O tempo em que as diferenças de preço nas consultas significava uma diferença no tratamento, será uma vaga reminiscência.

Embora na aldetá, o médico terá o recurso do Raios X, do laboratório, etc. As comunicações rápidas permitirão transportar certos doentes para «Centros de Saúde», onde existem especialistas. A consulta dos grandes especialistas não será mais um direito da fortuna, mas um bem colectivo.

Todo o ser humano terá de ir obrigatoriamente ao médico, dentro de certos períodos, embora esteja aparentemente, de perfeita saúde. Assim a Medicina conseguirá debelar as doenças logo de início. E nos casos de doença, ninguém terá sombra de temor quanto à possibilidade de se tratar convenientemente. Todos os remédios fulgidos necessários estarão ao seu alcance e a suspensão do trabalho significará o começo de um repouso merecido e nunca o desemprego, a diminuição de salário ou qualquer forma de pobreza.

De acordo com as conclusões dos médicos higienistas e com a cooperação dos arquitectos, engenheiros e decoradores, os Estados dotarão todo o ser humano com um lar simples e confortável. Possuir um lar onde haja luz do sol e luz eléctrica abundante, aquecimento e refrigeração, confortável mobiliário, cores alegres e calmas, motivos de arte e distração, isolamento dos ruídos e utensilhagem variada — será um facto tão habitual e comum como o dia e a noite. Nos Museus de Higiene mostrar-se-ão os absurdos do século XX, para que sejam odiados por todos os vindouros: homens vivendo em cabanas e em casas miseráveis, ao lado de majestosos edificios usufruidos apenas por alguns; o direito ao lar como motivo de desenfadado negócio, para tudo dizer.

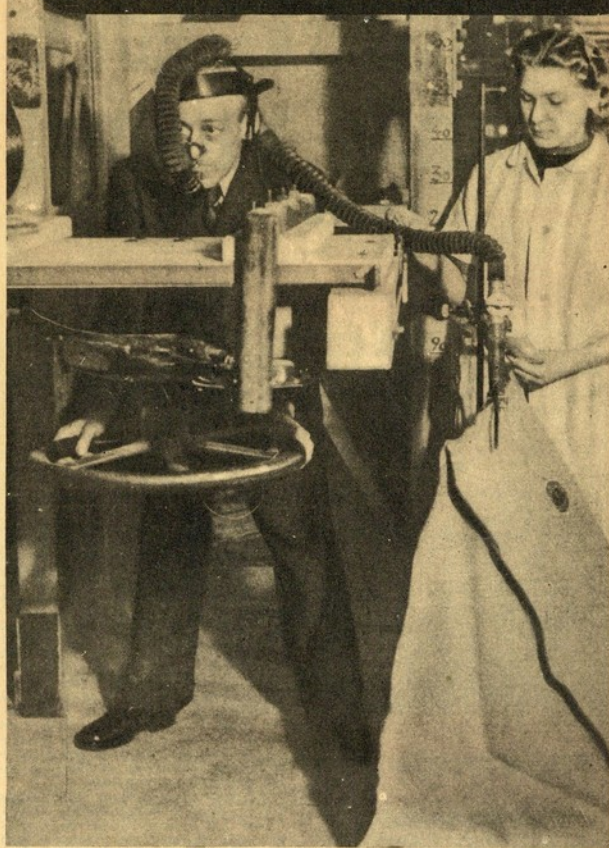
A luta contra as causas de mal-estar terá um dos seus pilares na alimentação. De uma vez para sempre o homem deixará de ser o animal mais desordenado e indisciplinado na sua maneira de comer e de beber. Só será permitido elaborar refeições a quem tiver passado pelos Institutos de Higiene Alimentar e Dietética. Por isso, comer em casa tornar-se-á um caso raro. Os homens iriam às cantinas das suas fábricas ou escritórios ou escolas, ou aos restaurantes. No mais remoto lugarejo o problema de ter refeições saudáveis e equilibradas estará resolvido, graças à difusão da educação, do alto nível de vida social e económico.

Os perigos de uma vida ultra-civilizada com base nas máquinas que substituem o motor humano, serão completamente abolidos. O sedentarismo e a unilateralidade das actividades profissionais compensar-se-ão graças à existência de um horário de trabalho reduzido a poucas horas, ou aos ócios que encontrarão uma fácil e saudável aplicação.

A vida desportiva terá um lugar proeminente no ano de 2.000. Mas nessa altura o desporto não será considerado um mero e rendoso espectáculo explorado por alguns, do qual a assistência está por completo afastada. Todos serão praticantes activos de várias modalidades desportivas. As piscinas, os campos de jogos, os balneários existirão em larguíssima escala. E o Museu do Desporto explicará aos homens que neste contraditório século XX as actividades desportivas têm servido como preparação para as guerras e até como manobra política para afastar as atenções do povo dos angustiosos problemas nacionais e internacionais.

A racional exploração das artes cinematográficas e teatrais, as bibliotecas, as escolas, os concertos, os corais populares, as conferências, etc., completarão o equilíbrio físico e moral e tornarão real o velho sonho humano de «mortalidade só num corpo são».

Escusado será dizer que nesse ano 2.000 os homens terão os seus problemas sociais e económicos resolvidos — condição indispensável para lutar eficazmente em prol da felicidade humana.



## TRABALHO RACIONAL

COMO em muitos outros países, no instituto alemão «Kaiser Wilhelm» para a fisiologia do trabalho, em Portmund, pesquisa-se a melhor maneira de trabalhar, e as transformações que se devem fazer nos instrumentos para adequar às necessidades da fisiologia humana. A foto mostra uma fase das experiências feitas no «Kaiser Wilhelm» a fim de saber qual a altura boa do volante dum tractor. Aparelhos especiais ligados à boca e nariz do trabalhador permitem calcular o consumo de energias.

## PREGUNTE!

### MISTÉRIOS DOS RAIOS CÓSMICOS

**C**HEGOU-SE, ainda há poucos anos, à conclusão que a atmosfera terrestre estava submetida não só à influência das radiações com origem nas matérias rádio-activas da crosta do globo, mas à de outras ainda muito mais poderosas e de origem extra-terrestre, que seriam os famosos raios cósmicos.

Os raios cósmicos possuem um comprimento de onda muito mais pequeno que a menor das ondas ultra-curtas usadas em radiofonia, e o seu poder de penetração é extraordinário. Enquanto certas radiações de Rádio não conseguem atravessar uma delgada lâmina de chumbo, os raios cósmicos atravessam uma espessura de uns trinta metros do mesmo metal. Estes raios penetram através, também, uma camada de água com a espessura de 400 metros. Mas nem todos os raios cósmicos têm o mesmo poder de penetração.

Qual a natureza dos raios cósmicos? Uns físicos supõem tratar-se de radiações constituídas por corpúsculos materiais; outros dão-lhe uma natureza electro-magnética. Há, contudo, uma hipótese que conta cada vez maior número de adeptos: segundo a teoria de Dauvillier, os raios cósmicos são constituídos por cargas eléctricas em movimento (electrões), emanados do Sol. Estas cargas, emitidas com uma velocidade vizinha da velocidade da luz (300 mil quilómetros por segundo) atingem as altas camadas da atmosfera, e chocando aí com as moléculas gasosas, originam uma radiação do tipo dos Raios X (electro-magnéticas), extraordinariamente penetrantes.

Nem todos os choques produzem raios deste tipo. Originam-se outros com corpúsculos formados pela desagregação dos átomos chocados. Daqui se concluiu que os raios cósmicos verdadeiros são inaccessíveis directamente. Apenas os efeitos secundários se observam.

Segundo a experiência de Clay e Laupont, em 1930, e as de Auger e Leprince-Ringuet em 1933, a origem mais provável dos raios cósmicos é o Sol, embora talvez não seja a única origem.

A intensidade destes raios varia com a altitude (cada vez maior a partir de 100 metros) com o lugar e com a hora (maior ao meio-dia; menor à meia-noite).

O estudo dos raios cósmicos está ainda no berço e talvez surja até a necessidade de rever tudo quanto se tem pensado. E nestas condições compreende-se que as notícias de um possível aproveitamento dos raios cósmicos para este ou aquele fim, não passa de uma das muitas mentiras espalhadas pelas agências telegráficas.

(Resposta aos leitores A. M. R. S., (Lisboa) e F. F. T. (Pórtó).

Torna-se a avisar que esta nova secção se encontra aberta e à disposição dos nossos leitores, pelo que basta dirigir as suas perguntas, seja por carta ou postal, à «Página de Ciência Elementar», «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 61, 2.ª, Lisboa. NOTE-SE, POREM, QUE UNICAMENTE SE RESPONDE A PREGUNTAS DE CARACTER CULTURAL.

## UM PROBLEMA RESOLVIDO

**G**RAÇAS aos progressos da técnica moderna resolvem-se difíceis problemas ligados às grandes velocidades. Um exemplo curioso, embora não muito importante, deste facto, é o que a foto mostra. A nova câmara de Raios X, fazendo exposições dum milionésimo de segundo, permitiu saber a razão do salto duma bola; averiguou-se que, mais do que o impulso dado pelo pé, a razão principal do salto está na reacção elástica da bola perante a deformação produzida nela pelo eshoot.



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

## por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Holanda

Em vários outros discursos, proferidos com intervalos de alguns meses, o dr. Seyss Inquart revelou de que maneira os holandeses seriam tratados. Isso dependia, em última análise, da sua atitude e do seu espírito de colaboração com a Alemanha nacional-socialista, empenhada na tarefa de construir uma ordem nova na Europa. Não resta a menor dúvida de que os dirigentes alemães alimentaram a esperança, fundada decerto nas promessas dos nazis holandeses, de que essa colaboração seria conseguida com uma facilidade relativa. Foi esta a verdadeira razão por que, de começo, o regime de ocupação na Holanda se mostrou relativamente benigno. Só quando as autoridades de ocupação se convenceram definitivamente de que a grande maioria da população holandesa se mostrava impenetrável à doutrinação nacional-socialista, a sua decisão se modificou e a benignidade inicial deu lugar a um tratamento cada vez mais duro e severo.

### A ADMINISTRAÇÃO CIVIL

Não entrando em linha de conta com as atribuições da autoridade militar, que em tempo de guerra e tratando-se duma ocupação militar se sobrepujam a todas as outras considerações, pode dizer-se que na Holanda, o Comissário do Reich ficou com todos os poderes que, em épocas normais, se encontram distribuídos pela rainha, pelo governo e pelo parlamento. Por um decreto de 24 de Agosto de 1940, Seyss Inquart chamou a si o direito de nomear os indivíduos que deviam ocupar os altos cargos da administração civil, contando-se neste número os secretários gerais dos ministérios, o presidente e os membros do Conselho de Estado, os juizes dos tribunais superiores, os governadores gerais, os comandantes de policia, os governadores provinciais, os burgomestres das principais cidades, o governador do Banco Nacional, o presidente dos Caminhos de Ferro do Estado, etc. O cumprimento deste decreto permitiu-lhe colocar em quasi todos esses cargos elementos filiados no partido nazi holandês (N. S. B.).

Ao lado da administração holandesa começou a funcionar uma administração alemã. Imediatamente sob as ordens do Comissário do Reich foram colocados alguns altos funcionários de nacionalidade alemã. Entre estes contavam-se quatro que, com o título de «Comissários gerais», passaram, praticamente a dirigir os ministérios mais importantes: justiça, policia, economia e finanças.

Além destes, foram colocados delegados especiais, também de nacionalidade alemã, junto do Banco Nacional e do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Junto dos governadores provinciais, nas principais províncias, e dos burgomestres, nas principais cidades, os alemães colocaram igualmente delegados especiais.

### AS REFORMAS DA JUSTIÇA

Ao mesmo tempo que suspendia a representação nacional (parlamento),

o Comissário do Reich reservava para si o direito de decidir como seriam preenchidas as vagas que ocorressem nos conselhos de provincia, nas Câmaras Municipais e em todos os corpos administrativos. Durante algum tempo esses organismos ainda arrastaram uma vida fictícia mas, por fim, desapareceram completamente. A administração municipal passou a funcionar de acordo com o sistema do «Führerprinzip» principio pelo qual um único homem tem competência para tomar decisões). O burgomestre na cidade não passou a ter as suas decisões condicionadas por vereadores eleitos. Estes passaram a ser designados pelo próprio burgomestre, e este não era, de maneira nenhuma, obrigado a ter em conta os seus reparos. As decisões dos burgomestres passaram a estar apenas dependentes da sanção do Secretário Geral do Ministério do Interior, seu superior hierárquico. Foi precisamente para os cargos de burgomestre, dada a sua importância tradicional e a sua influência local, que as autoridades de ocupação nomearam exclusivamente categorizados elementos do partido nacional-socialista holandês.

Alguns departamentos ministeriais foram, pura e simplesmente, suprimidos pelas autoridades de ocupação. Em substituição desses foram criados outros com designações idênticas às dos ministérios alemães: Educação científica, Protecção à cultura, Informações, etc. Alguns ramos da administração central sofreram modificações radicais. Foi esse, por exemplo, o caso dos serviços de justiça e policia. O decreto do Führer de 18 de Maio, base de toda a legislação promulgada pelos alemães na Holanda, dizia que o direito holandês só se considerava válido na medida em que não contrariasse as necessidades da ocupação. O Comissário do Reich podia sempre modificá-lo por meio de decretos com força de lei.

Este principio genérico foi aplicado com particular frequência pelo dr. Seyss Inquart nos serviços de justiça. O Comissário do Reich assegurava-se da aplicação integral desse principio, escolhendo para os cargos de membros dos tribunais superiores e de Procurador Geral da Coroa elementos que comungavam nas doutrinas nazis. Esta decisão foi completada por uma profunda reforma dos serviços de justiça e pela criação de tribunais especiais formados por juizes igualmente affectos ao partido nazi holandês.

Estes tribunais alemães foram instituídos na Holanda pouco tempo depois da ocupação, em Agosto de 1940. Tinham competência não só para julgar os civis alemães que se encontrassem em território holandês mas também os holandeses acusados de terem praticado qualquer delicto contra o Reich alemão ou as suas autoridades. Em Novembro de 1942 a competência desses tribunais estendeu-se, em detrimento dos tribunais holandeses, a todos os casos de pilhagem que registassem nas comunas, bairros ou casas evacuadas, aos atentados praticados contra pessoas e bens no momento dos ataques aéreos e a todos os casos que pudessem considerar-se crimes graves, pondo em perigo o reabastecimento da população. Estas fórmulas, de uma grande latitude e elasticidade,

permitted alargar a jurisdição dos tribunais alemães, que proferiram numerosas sentenças de morte contra cidadãos holandeses.

### OS TRIBUNAIS ALEMÃES

Os tribunais alemães, ou tribunais de paz, foram instituídos por um decreto do Comissário do Reich de 16 de Agosto de 1941. Estes tinham competência para julgar igualmente os indivíduos acusados de serem em perigo a paz politica na comunidade. Os seus julgamentos caracterizaram-se sempre por um excessivo rigor. Sobretudo as manifestações anti-nazis sob qualquer pretexto constituíram para os respectivos juizes um delicto a que invariably correspondiam as mais severas sanções. Um decreto especial dava-lhes o direito de julgarem de novo processos que já haviam sido julgados e em relação aos quais já haviam sido proferidas sentenças. Este principio de retroactividade era explicado pela necessidade de rectificar essas sentenças e de contrabalançar a influência anti-nazi no país.

Em Fevereiro de 1941 foi decretada uma importante reforma da policia holandesa, segundo o molde alemão. Nas principais cidades a policia municipal foi substituída pela policia do Estado, que não dependia dos burgomestres mas dum comandante que tinha o posto de general. O fim desta reorganização, que conheceu várias fases, foi a militarização completa dos serviços de policia em todo o país. Esta passou a gozar de uma independência absoluta. Um alto funcionario alemão, o «S. S. Gruppenführer» Rauter, assumiu a direcção suprema dos respectivos serviços como delegado de Himmler.

Foi criado um instituto especial para a preparação de agentes de policia e fundado um campo de treino onde lhes era ministrada instrução sob as ordens de agentes dos S.S. alemães. Em Outubro de 1942 fez a sua entrada solene em Haia, marchando em passo de ganso, o primeiro batalhão adestrado nos termos da reforma de Fevereiro de 1941. Junto das formações de policia holandesa educadas segundo estes métodos, foram colocados destacamentos da chamada «policia verdes» (cor do uniforme da policia alemã), e funcionarios superiores da Gestapo. Estes não dependiam de qualquer elemento da administração civil holandesa ou alemã.

### A SITUAÇÃO POLITICA

Num discurso que proferiu ao assumir as suas funções, o Comissário do Reich, Seyss Inquart, disse não haver a intenção de impor ao povo holandês qualquer doutrina politica estrangeira. Em discursos posteriores, aquêle alto funcionario não renovou a mesma garantia, mas já com restrições que reduziram o seu significado inicial. Seyss Inquart fazia então depender a liberdade politica dos holandeses do grau de colaboração que a Holanda prestasse para se instituir a ordem nova na Europa. A liberdade politica e a liberdade religiosa, pelas quais o povo holandês sempre se batera, escrevendo com o seu sangue durante oitenta anos um testamento imperecível na luta contra a Espanha de Filipe II, tiveram de ser postas de parte. A vida politica na Holanda, à data da ocupação, era particularmente activa. O individualismo tradicional dos holandeses exigia para cada cidadão o direito de ter e manifestar a sua opinião tanto em matéria politica como em matéria religiosa, pois o problema religioso e de liberdade de consciência desempenhou sempre um grande papel na vida do país.

Havia vários partidos politicos. Entre estes contavam-se os que haviam adoptado os principios do nacional-socialismo, pelos quais a Alemanha se regia desde 1933. O mais importante era o National Soziale Bewegung (N. S. B.), chefiado por um engenheiro que durante a ocupação alcançou grande notoriedade, António Mussert. Era o equivalente do major Quisling, na Noruega; de Degrelle, na Bélgica; de Laval, em França; de Nedich, na Jugoslávia; de Hacha, na Checoslováquia; e de Tsolakogen, na Grécia. De começo, esta agrupamento, sob os alguns êxitos eleitorais, sobretudo junto da parte do eleitorado que aspirava a provocar uma transformação nas condições de vida economica e social da Holanda.

(Continua)



A família real da Holanda, reunida no Canadá: a rainha Guilhermina, de pé, a princesa Juliana e seu marido, o príncipe Bernardo, com os três filhinhos do casal.



A princesa Juliana, filha da rainha Guilhermina, ela própria será um dia rainha dos Países Baixos.



O príncipe Bernardo, esposo da futura rainha da Holanda, foi um devotado e activo organizador dos núcleos de resistência e de combate, para expulsão dos ocupantes.



Mussert, chefe nacional-socialista, cuja acção na Holanda pode comparar-se à do major Quisling, na Noruega, foi um dos mais entusiastas colaboradores do Reich.



## Minha fiel "Maçarica"

A recente ante-estreia dum filme no S. Luis fêz-me lembrar com ternura e com saudade a minha fiel «Maçarica»...  
...Estou ainda a vê-la como a vi no Verão passado; pêlo negro e sedoso, orelhas levantadas com movimentos de inteligência, focinho esguio, pernas magras e nervosas. Olhando-a de repente, temos por vezes a impressão de estar em presença duma autêntica raposa.

A «Maçarica» — tal o nome que lhe deram — é uma cadeliça que faz parte dos guardas de uma pensão aqui perto, nos arredores saloios de Lisboa, e que eu conheci no Verão passado. Confesso que à primeira vista me inspirou um certo receio. Tinha fama de má, e creio que na verdade o era. Mas mostrava-se má, terrivelmente má, especialmente para aqueles que pretendessem irritá-la. Talvez porque a compreendi, e talvez também por ser das poucas pessoas que a afagavam — ela tornou-se a minha companheira inseparável durante o tempo em que estive veraneando.

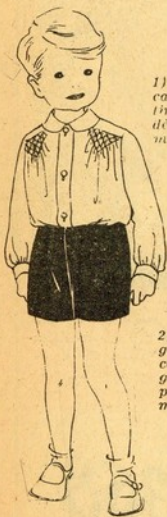
Um dia adoei e tive de ficar no quarto. De sentinela à minha cama, a pobre «Maçarica» não quis sair dali. Nem ralhos, nem ameaças, nem palavras doces a fizeram descer ao rés-do-chão para comer. Dez horas permaneceu ali, à beira da minha cama, sem alimento e sem eu própria conseguir que alguém me chegasse ao pé. Para eu comer, tive de sair do quarto e vir buscar à escada o tabuleiro com o almoço. Nem criadas, nem donos conseguiram vencê-la. Só mais tarde, quando à minha cabeceira viu quem por mim velasse, abandonou por sua livre vontade o meu quarto. Foi como se julgasse terminada a sua missão!

Porém, esta cadeliça deixou-me por vezes desorientada. Sendo assim tão fiel, como podia mostrar-se tão agressiva para toda a gente? As vezes, mal ouvia passar na estrada qualquer garotito que corria despreocupado — pobre garotito! — a «Maçarica» deixava de ser a dócil «Maçarica» de olhar meigo e aguçado, para ser uma pequena e autêntica fera. Sobre si pesam já sentenças de morte e de vingança. Mas, foi ainda esta mesma «Maçarica» que, duma forma absolutamente inesperada, conseguiu comer-me quando um dia o dono da pensão prendeu, à minha frente, o filho mais velho da pobre cadela. Iam levá-lo para muito longe. Tinha-me oferecido para outra terra. A «Maçarica» olhou então o dono e olhou o filho. Nos seus olhos havia uma expressão absolutamente alucinada, mas em vez de se atirar ao dono, como cheguei a supor, veio, tremendo, como agitada por vendaval interior, aconchegar-se junto de mim. Pretendia tornar-se o mais pequena possível, e a sua tremura era tanta que me causava impressão. Dos olhos corriam-lhe lágrimas, mas da sua boca não saía um som. Olhava, olhava obstinadamente numa dor quasi humana, o filho que seguia, ganindo, o dogo que o arrastava.

Acarinhiei a pobre «Maçarica» e, mesmo sem querer, o meu pensamento estabeleceu um paralelo: via uma pobre mãe velhinha, dobrada pela dor e seguindo com a vista o filho que se afastava a caminho da guerra. Vi-a olhando para ele enquanto o sentia a cada passo mais distante. Todavia, continuava imóvel, braços caídos, sem um único gesto para o reter. Para quê? Ela bem sabia que por coisa alguma os seus clamores poderiam modificar a situação. Naquele momento ele já não podia voltar. O seu destino estava traçado. E a ela, apenas lhe restaria a consolação de esperar ali o regresso do seu filho. Sim! Talvez um dia ele regressasse. Talvez!... Ou talvez nunca mais o tornasse a ver!...

Desde que voltei para Lisboa nunca mais vi a «Maçarica». Soube, contudo, que durante três dias ela não comeu nem bebeu, ficando a ganhar à porta do meu quarto! Porque a não trouxe? Eu sei muito bem porque foi. No íntimo, receava dissabores devido ao seu «génio» impulsivo! Pobre «Maçarica!» O teu feito traçou o teu destino. Até nisso me fazes lembrar certas pessoas!...

## Modelos para os seus filhos



1) Calçãozinho em veludo castanho e blusa em «satin» cor de pérola. Este modelo ficará sempre bem aos meninos de 2 aos 6 anos de idade.



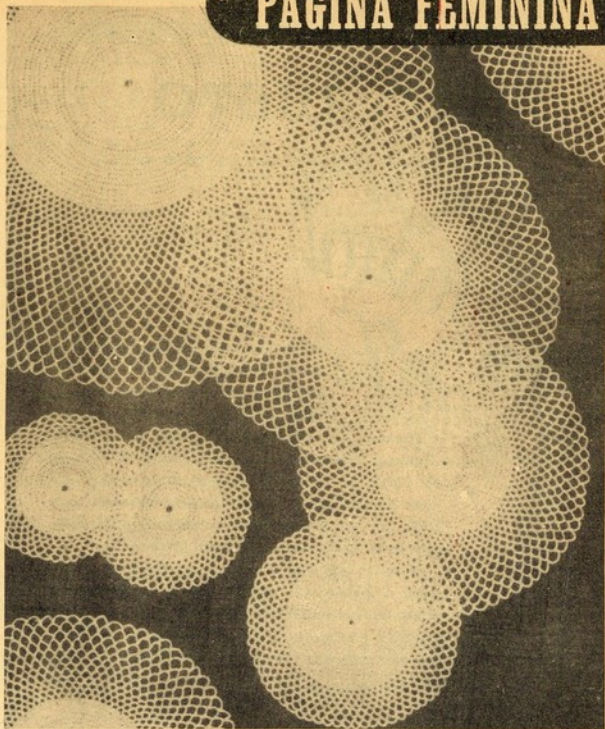
2) Vestidinho prático e elegante que pode ser usado com várias blusas. A mangueira é apertada por um punho. A saia forma um macho bastante largo, como representa a foto.

## RECEITA DA SEMANA

### FRANGO A MARENGO

Corta-se o frango como se fosse para fricassé. Numa caçarola deitam-se seis colheres de azeite ou manteiga derretida, sal fino e pimenta. Põe-se, então, ao lume, a caçarola, na qual se deitam primeiramente as cochas do frango e cinco minutos depois os restantes bocados. Enquanto o frango vai cozendo — são precisos uns quarenta minutos — voltam-se os bocados com um garfo, para que tomem uma cor douradinha. Junta-se, então, um ramo de cheiros e alguns cogumelos. Entretanto, prepara-se um molho

que será feito da seguinte forma: num recipiente delta-se um copo de água ou de caldo, sumo de limão, sal, cebolinhas e um dente de alho picado muito miudinho. Depois, misturam-se três colheres do azeite que está passando o frango, mecha-se muito bem e leve-se o molho ao lume durante um bocadinho. Arranje-se, então, o prato em forma de pirâmide, delta-se em cima o molho e sirva-se com ou sem guarnição de ovos ou de cósas de pão fritas. Neste molho substitue-se com vantagem a água ou o caldo por vinho branco. Nesse caso suprime-se o limão.



## OS NOSSOS TRABALHOS

Interessantes e simples «nappers» em «crochet» para jogo de almôço ou jantar.

A descrição pormenorizada da forma de execução d'êste jogo de mesa custa \$50, acrescidos de \$100 para despesas de correio. Estas importâncias devem ser enviadas em selos e juntamente com o pedido para a redacção da nossa revista.



MI-FA — Recebi a sua novelazinha. Gostaria de lhe dizer particularmente o que penso do seu trabalhinho. No caso de querer continuar no anónimo posso deixar uma carta juntamente com o livro na morada que indicou?

LENA — O seu lindo chapéu todo em flores, creio que terá de ficar bem guardado para entrar em melhor altura. Este ano, as flores perderam um pouco o seu domínio e, além disso, um chapéu tão primaveril não é muito próprio para a estação de inverno.

MARIA AUGUSTA — A resposta à sua pergunta depende — a meu ver — da situação financeira em que se encontra. Se a leitora tem melos de fortuna que lhe permitam dispor de bastante dinheiro para o seu enxoval, acho bem que depois de casada não use vestido algum dos que usava em solteira. Mas permita-me um conselho: se pensar em desfazer-se de todos os seus actuais vestidos, não os venda, dê-os a quem é novo como a leitora, quem goste de aparecer decente, mas não tenha dinheiro para os comprar. Há tanta rapariga por aí merecedora de auxílio! Tanta costureira habituada a ver vestidos belos e sem dinheiro para adquirir um dos mais simples...

Se, pelo contrário, nesta altura tão propícia a despesas, não possui o capital suficiente para essas extravagâncias, então aproveite todos os seus vestidos de solteira, modificando-os, se isso lhe dá prazer. Não receie incomodar-me. Sempre que possa terei satisfação em lhe ser agradável.

### RESPOSTAS PARTICULARES

Esclareço as leitoras que pediram respostas particulares que estas estão normalmente sujeitas a uma demora muito maior e ao envio de um escudo para despesas de correio.

## Conselhos práticos

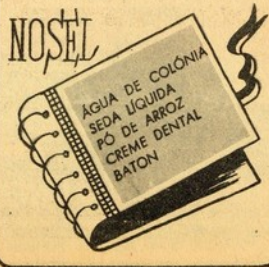
Quando as cortinas das janelas começam a estar enxovalhadas, podem ser limpas com um aspirador ou uma escóva. Se forem de «étamine» lisa e necessitem de ser lavadas, devem passar-se, depois de bem limpas, por uma leve aguazinha de goma antes de serem engomadas.

\*\*\*

Para limpar quadros a óleo, o melhor processo é tirar-lhes bem a poeira e passá-los depois, cuidadosamente, com um esfregozinho bastante ensoopado em leite morno. Logo em seguida, devem ser bem sécos com um pano bem limpo.



\* A BELEZA DA LINHA \*  
USANDO OS PRODUTOS



ESCOLA DE CORTE, COSTURA E CHAPEUS

M.<sup>ME</sup> JUSTO

A MELHOR E MAIS FREQUENTADA DE TODO O PAÍS

atenção **DORTO!**

**S**ATISFAZENDO os inúmeros pedidos que nos têm feito, vamos inaugurar nesta cidade uma sucursal desta conhecida e acreditada Escola, na qual seguiremos os mesmos métodos adoptados na Sede. Nesta Escola, que é incontestavelmente a primeira do País continuam os cursos de corte, alta-costura e chapéus sob a direcção técnica da M.<sup>ME</sup> Justo. As alunas que frequentam quaisquer destes cursos as suas lições são-lhes sempre ministradas individualmente, resultando por este processo aliado ao método de ensino adoptado nesta Escola, uma superior aprendizagem. As aptidões de cada uma das nossas alunas são diariamente verificadas pelos trabalhos que vão executando e só depois da sua reconhecida aptidão em tudo quanto diz respeito a uma boa modista de alta-costura ou de chapéus lhes será conferido o diploma da PRIMEIRA ESCOLA DO PAÍS.

★ Cursos Diurnos e Nocturnos ★

SEDE DIRECÇÃO E SECRETARIA  
RUA DE S. LAZARO, N.º 127, 1.º E 3.º ANDAR

**PHILIPS**



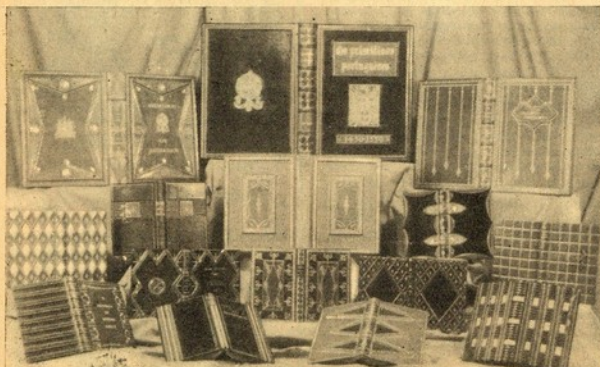
1945

SONORIDADE PERFEITA

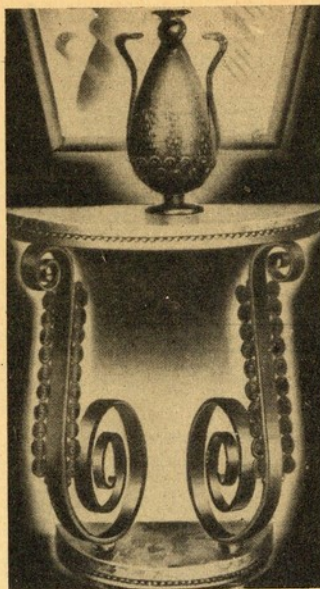
Casa José Costa ~ Rádio Luz

Rua de S. Paulo 11-13 - Lisboa

Tel. 24888



Trabalhos de encadernação de «A Portugalia», execuções do Sr. Raul de Almeida. Esta empresa de encadernação mudou-se da Rua da Misericórdia, 102 para a Rua Diário de Notícias, 46-48 - Telefone 20582



**JOAL**

MOVELS  
DECORAÇÕES  
ESTOFOS

TELEFONE 44033

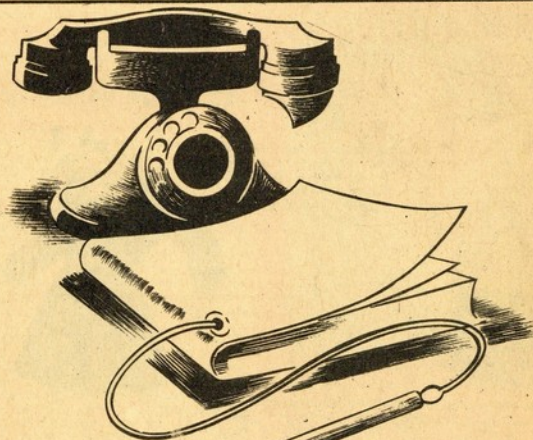
**JOAL**

*A casa que leva o bom gosto ao  
vosso lar*

AV. ALMIRANTE REIS, 233-B-AO ARIEIRO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE NOS SEUS SALÕES

VIDA  
MUNDIAL



**Tome nota!**  
**21368**

é o número do telefone  
dos ateliers gráficos

**BERTRAND (IRMÃOS), L.<sup>DA</sup>**

OS MAIS COMPLETOS NO GENERO

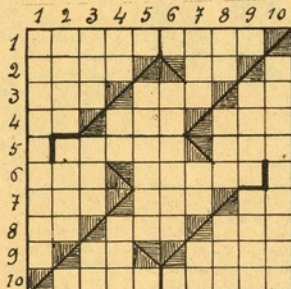
**BERTRAND (IRMÃOS), L.<sup>DA</sup>**

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 87

Por José Rodrigues Correia  
(Viseu)



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Vila do conelho do Seixal; carta geográfica. 2 — Rebola; o Sol. 3 — Mas; cajado; apelido. 4 — Pedra de moinho; troçar; personagem bíblica. 5 — Tempo do verbo abanar; ligue. 6 — O irmão do pai; parte posterior do pé. 7 — Partida; acrescentel; batrâquilo. 8 — Aquil; observar. 9 — Rio da França; atal. 10 — Interjeição que designa repulsa; barrête doutoral.

**VERTICAIS:** 1 — Odorífera. 2 — Hábito; nome próprio feminino. 3 — Palmeira; jibóia; ataque de paralisia. 4 — Batrâquilo; o Sol; rio da Suíça. 5 — Corolir; 6 — Refinado. 7 — Espécie de saço; troça; parte em que se amarram as velas de navio. 8 — Utensílio chato de madeira ou ferro; direto; regressar. 9 — Indolência; verdadeiro. 10 — Porção de fruta de má qualidade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 56

**HORIZONTAIS:** 1 — AC; Og. 2 — Raul; lera. 3 — Estos; sarau. 4 — Apltas; parava. 5 — Sal; bl; lr; mar. 6 — Prático. 7 — Varem; nardo. 8 — Alice; Isaac. 9 — Amas; omio. 10 — Ar; os.

**VERTICAIS:** 1 — Areas. 2 — Caspa; vá. 3 — Util; ala. 4 — Lot; prima. 5 — Sabrecar. 6 — Siamés. 8 — Plínio. 9 — Sarcasmo. 10 — Lar; orais. 11 — Eram; Dão. 12 — Orava; oc. 12 — Gamar.

## DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora  
(Espanha)

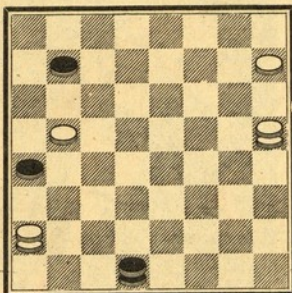
1.º Concurso Internacional de Problemistas de «Damas»

COMPOSIÇÃO N.º 25  
(Problema)

«La Provincia», 7-12-944  
Las Palmas — Espanha

Lema: «Bailen»

Pretas: 1 «dama» e 2 «pedras».



As brancas dão mate em 5 jogadas.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos Rodrigues Lafora  
(Continuação)

Nós dividimos o tabuleiro em quatro circuitos. Chamamos 1.º circuito ao que imaginariamente forma a linha central,

considerando uma direcção 1-32 e volta 32-1. Chamamos 2.º circuito ao que se forma saindo de 4 a 25, 25 a 29, 29 a 8 e 8 a 4.

Chamamos 3.º circuito ao que se forma seguindo as seguintes linhas: 2 a 9, 9 a 31, 31 a 24 e 24 a 2.

Chamamos 4.º circuito ao formado pelas linhas 3 a 17, 17 a 30, 30 a 16 e 16 a 3.

Esta ideia da divisão em circuitos dá uma grande facilidade para a explicação técnica dos finais e é também aplicável aos problemas.

CASAS E LINHAS DO TABULEIRO

Cada circuito está formado por várias linhas, e estas estão formadas por casas. As linhas têm grande importância, pois o domínio de uma linha pode ser decisivo numa partida, num final e num problema.

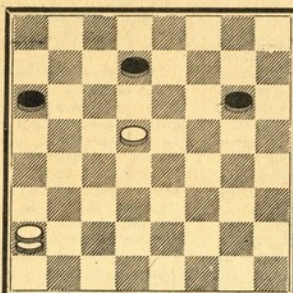
(Continua no próximo número)

(Secção portuguesa)

FINAL DE JOGO N.º 14

Por Francisco A. Henriques  
(Almeirim)

(Dedicado, com profunda estima, ao notável «damista» Delfim Faria Diniz, de Oliveira de Santa Maria - Famalicão)

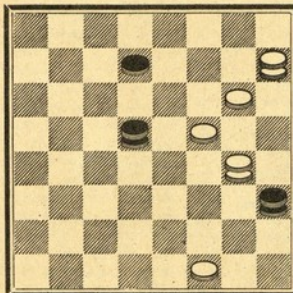


Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 2

Por Luís António David  
(Lisboa)

(Dedicado a todos os «damistas» do Sporting Clube de Portugal)



Jogam as brancas e ganham.

JÓGO N.º 6

(Estrangeiro)

(Este jogo efectuou-se no 1.º Torneio Regional Canário)

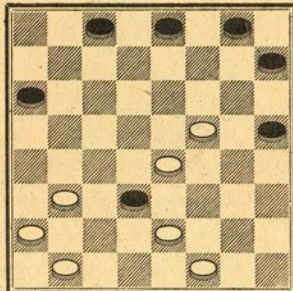
Branças: Juan Galindo  
Pretas: Ramón Rodríguez.

Abertura: 1-3

| Branças   | Lances | Pretas |
|-----------|--------|--------|
| 12-16 (a) | 1.º    | 23-19  |
| 10-14     | 2.º    | 19-10  |
| 5-14      | 3.º    | 21-18  |
| 14-21     | 4.º    | 26-17  |
| 1-5       | 5.º    | 28-23  |
| 5-10      | 6.º    | 23-19  |
| 11-14     | 7.º    | 19-15  |
| 14-18     | 8.º    | 22-13  |
| 9-18      | 9.º    | 32-28  |
| 10-14     | 10.º   | 28-23  |

|       |      |       |
|-------|------|-------|
| 7-12  | 11.º | 15-11 |
| 6-15  | 12.º | 23-20 |
| 16-23 | 13.º | 27-11 |
| 3-6   | 14.º |       |

Desde este momento, em que se forma o diagrama abaixo, as pretas não têm salvação possível:



|       |      |       |
|-------|------|-------|
| 4-11  | 14.º | 11-7  |
| 12-15 | 15.º | 17-13 |
| 15-19 | 16.º | 30-27 |
| 18-21 | 17.º | 13-9  |
| 14-21 | 18.º | 25-18 |
| 11-15 | 19.º | 31-28 |
| 19-22 | 20.º | 27-23 |
| 22-27 | 21.º | 23-20 |
|       | 22.º | 20-11 |

As pretas abandonam.

(a) Esta saída é a 1.ª da classificação e é a mais fraca de todas. Não compromete de um modo absoluto a partida; porém, inicia-a de um modo demasiadamente restritivo. É a que os ingleses chamam «Edinburgo», por a ter baptizado assim J. D. Jauvier.

E, segundo Avigliano, muito jogada no ambiente popular, de onde parece ter uma tradição... carcerária. Os presos têm uma grande afeição pelo nosso jogo. É um velho amor que, por certo, persiste milenariamente. Plutarco recorda que no seu tempo se jogava muito nos cárceres «a la Pettia» (jogo do qual se crê derivarem as «damas»); porém, em compensação, Plutarco recomendava aquêle jogo aos filósofos desterrados, como o mais adequado para afastar a tristeza do destêrro.

Dissemos que 12-16 é fraco; porém, devemos acrescentar que com a continuação 7-12, com a formação (nudo al biscacco, dos italianos, ou seja a do triângulo 8-12-16, no duplo rincão ou paralela), torna-se todavia mais fraca, porém é esta justamente a continuação preferida de todos os outros, por causa de alguma insidia que se possa preparar, como o chamado tiro do principiante: B. 12-16, 23-19. B. 7-12, 28-23; B. 11-14, 32-28; B. 16-20 e as brancas ganham.

OS NOSSOS AMIGOS

Orlando Augusto Lopes



Distinto estudante de medicina. Enfático compositor «damista» e um dos nossos melhores colaboradores. No último Campeonato de «damas» da Mocidade Portuguesa, foi o vencedor com mérito absoluto. De uma extrema lealdade e de um grande cavalheirismo, em todos encontra verdadeiros amigos. Orlando Augusto Lopes é, sem contestação possível, digno da homenagem que lhe prestamos, publicando a foto que damos acima e que nos foi oferecida com uma expressiva dedicatória.

HA 1000  
CREMES DIFFERENTES,  
mas

HA SÓ  
1

CREME  
MATITÉ  
DIA NOITE

Podá ter a certeza que a sua epiderme conservará uma eterna juventude. Use o Creme MATITÉ, conhecido em todo o Mundo, e apresentará no seu rosto uma saudável e fresca moicidade, que decerto surpreenderá até os seus mais íntimos amigos.

LT. PIVER

Cabelos cheios de sol



«Lavolan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto, Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª D.ª — Telefone 4 3582.



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá de Bandeira, 108, 3.ª — LISBOA

# Luz de fogo

Novela de MARIO PISSARRA DE ALMEIDA

“SE ao menos o céu clareasse!...” — gemeu Lúcia.

... O homem a quem a voz se queixava, não respondeu. Continuava a fitar com desespero, punhos fechados de raiva e dor o mar enlouquecido, as torrentes de chuva, o imenso bôjo de nuvens negras coladas ao céu.

Estavam ambos parados debaixo do alpendre que confinava com a casa. Pouco mais de cem metros à frente nascia o mar. Eram um par ímpar, desconforme. Ela, pequena e leve como uma boneca, agasalhada num grande chale que a envolvia toda. Ele, enorme, cabeludo, coberto com um capote de peles que completava o seu vago aspecto de urso.

O vento zunia cada vez mais forte. Mas sempre na mesma toada monótona, lúgubre, que arripiava e cansava...

Emudeciam. Tinham os olhos pregados no farol, sentinela solitária erguida sobre o morro penhascoso separado da praia. Colossais vagalhões a cada instante se levantavam e subiam em clamorosos rugidos, iam varrer o morro, faziam ranger a ponte fraca que o ligava à praia. Batiam, galgavam os rochedos, rastejavam com ânsias pela costa fora, e só muito além se deixavam expirar em espumas tórvas.

O fareleiro pusera-se a caminhar à volta do recinto. Parava de vez em quando, de peito arquejante, a espreitar o mundo lá de fora... «Para quê?... Tudo igual! O céu a continuar a ajudar a, tração do mar... Já há dois dias que eles o não deixavam chegar até lá, a acender a luz salvadora! Pela noite fora, a lanterna fiel mantinha-se calada, sem dar acôrdo de si... E ele sem poder... Sem poder valer a ninguém! Voltava a cerrar os punhos numa angústia impotente.

A noite caíra muito depressa, toda negra... Terra, céu, mar — uma nódoa sem fim. Era preciso, sem falta, ir acender o farol! Um grande navio devia passar daí a poucas horas perto da costa e carecia de ajuda.

Raimundo desprendeu-se de Lúcia. Fugiu dela. Persignou-se e benzeu-se, como faz toda a boa gente do mar.

... Ficava de mãos postas. Ajoelhada. A rezar por ele, a acompanhá-lo em pensamento. Tinha os olhos cerrados. Só os queria abrir para avistar a luz pisca do lampeão zigzagueando além, ao fundo... Já galgando a ponte... a aproximar-se. Esperava. A voz rouca do mar fazia-lhe calafrios! Perdera a noção do tempo... Sem saber já se estava ali assim há minutos ou há dias. Sentia-se dentro de mais outra noite. À sua volta, o vento a uivar como um lóbo ferido.

— Talvez agora já fôsse tempo de ele ir chegando ao seu destino...

Abriu os olhos ainda a médo. Alongou a vista. Admirou-se de não ver nenhuma luz! Já não lobrigava o lampeão... O farol ainda mudo!

Pareceu-lhe, de repente, ouvir um grito. Jesus!... Tentou furar com os olhos a escuridão esmagadora. Logo a seguir, um novo grito mais curto e aflitivo... Com a mesma voz de um lamento que quere ainda agarrar-se ao mundo!

Ela lançou o corpo para a frente, empurrou as trevas... «Raimundo! Raimundo!...». Caminho, correu para a praia. O farol, sempre sem vida. Gritava quanto os pulmões, a garganta lhe deixavam... «Raimundo!...». Tropeçava nos pedregulhos. Caía e erguia-se de novo. Tinha o corpo magoado. O rosto, as mãos ensangüentados. Sem sentir outra dor... — Rai... mun... do! Rai... mun...

A voz morria-lhe em soluços estrangulados. O cansaço e o vento atiraram-na de braços. Mordeu a terra... Quis sentir na bôca o aroma sensual e quente de sangue vivo. Para quê, gritar mais?... Se a sua voz se perdia logo ao pé de si e não tinha ninguém que lhe respondesse! Deixou-se ficar pregada à terra pedregosa e lamacenta. A confundir-se com ela, num abandono dilacerado. Agora gostava da chuva e da tempestade... Amava-as. Gostava daquela água a encharcar-lhe a carne, a evaporar-lhe o corpo e a alma numa frialdade de esquecimento... daquelas chicotadas que o vento lhe atirava! Queria ficar ali para morrer. Até morrer. As faces das ondas já lhe traziam até à face o seu mau hálito em beijos bárbaros. Nunca mais dali se levantaria! Nunca mais!... Só receava que alguém viesse e a não deixasse morrer...

\* \* \*

Despertou-a da sonolência desvaída um som conhecido... Era um longo silvo. Um silvo contínuo e angustiado, que não se fatigava... Soergueu, por instinto, o busto mortificado. Apesar dos seus ouvidos zumbirem, aquela voz assustada trazia-lhe de novo à lembrança a idéa do mundo — que há tão pouco tempo ainda era o seu mundo. Recordava-se... A voz de um navio a suplicar a luz abençoada do farol! Pela cabeça enfraquecida passavam-lhe em turbilhão idéias febris, visões desvaídas e sem nexos, mas a confundirem-se todas no mesmo abraço de dor...

A luz do farol ali ao pé a agonizar e a misturar-se com a noite... Raimundo a cair da ponte levado pelas vagas e a chamar por ela, a dizer-lhe adeus... A grande nódoa alongada de um navio lá ao largo, parado e perdido... Cobriu o rosto. Os soluços faziam-na cambalear. Sentia-se ainda mais sôzinha depois que se levantara da terra. Da terra sua irmã, pois ambas sofriam a tempestade... A voz do navio era um contínuo lamento. Arrancou-a aos seus pensamentos. «Vidas que corriam perigo!». Esta idéia fê-la estremecer. Fechava os olhos... Uma embarcação a afundar-se. Naufragos a esbracejarem por entre as ondas negras... Rangeu os dentes. E se ela?... Ficou-se a desfiar pensamentos sombrios, destemidos. Sim... Vingarse do mar! Do mar, que a matara roubando-lhe o seu gigante...

Ergueu a cabeça em desafio à tempestade. Correu pela praia. Orientava-se. De comêço foi apalpando a cerração. Depois já avançava mais segura. Reconhecia, esperançada, que se afastava do mar. Baixava-se aqui

e ali. Para ir tateando o caminho, pelas rochas dispersas com que topava e que já conhecia como velhas amigas. Sustinha-se, de vez em quando. O coração estalava-lhe o peito. Ouvia-se sempre o grito da embarcação... Queria apressar a marcha. O vento não a deixava correr mais. Esbofetava-a e puxava-lhe os cabelos, prendia-lhe as passadas. Da bôca cerrada fugia-lhe de repente um riso de satisfação feroz! Os seus braços, estendidos, detiveram-se... Os dedos feridos percorreram com ansiedade as pedras ásperas de uma parede. «A sua casa!». Era já ali. Subiu de um pulo as poucas escadas. Empurrou a porta...

Acendeu os fósforos, subiu lá acima... Lúcia viera postar-se no tópo das escadas. Pensativa e de olhos brilhantes. As labaredas iam subindo, iam crescendo... O clarão já lhe iluminava o rosto sereno, a cabeleira desgrenhada, o sorriso singular de paz e de vitória... A sua frente só ficava uma enorme mancha amarela coroadada de vermelho. Madelros estalavam, desprendiam-se como membros amputados, mergulhando no redemoinho. O fogo cobria a casa inteira. Invadia o espaço, em línguas vorazes à procura de mais alimento. Ela sorria sempre, e continuava a aproximar-se.

Quando as chamas chegaram ao pé de si, entregou-se-lhes cheia de confiança. Ofereceu-se toda aos seus mil braços sófregos.

Já se calara a voz do navio.

A fogueira de Lúcia servira-lhe de aviso para passar ao largo e não ir embater contra a falésia...

Fôra um desesperado suspiro de amor a rasgar as entranhas do inferno.

Pelos ares vibravam sempre as notas da orquestra selvagem.

As chamas ainda dançavam sobre aquela terra de destroços...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO  
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA  
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27.